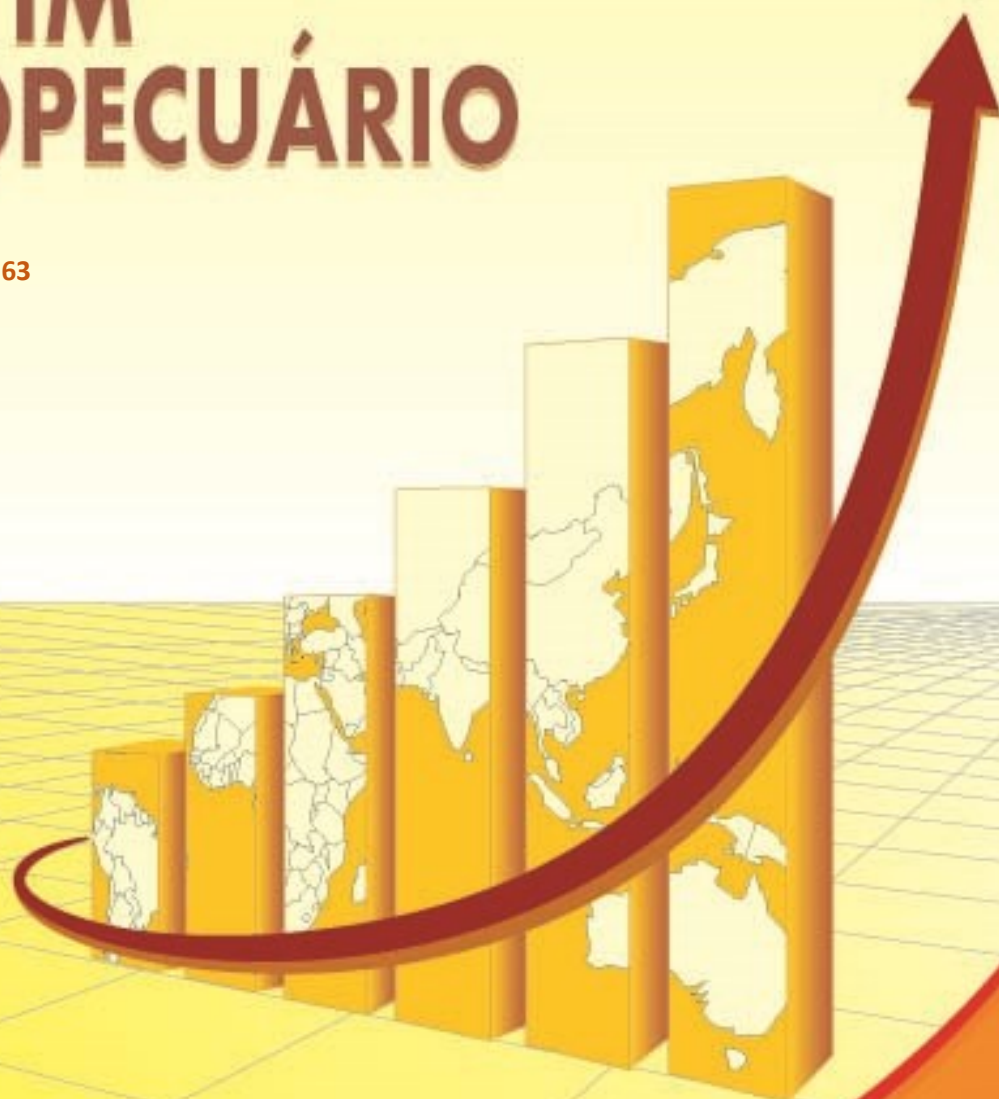


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Agosto/2018 – Nº 63



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Glaucia Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

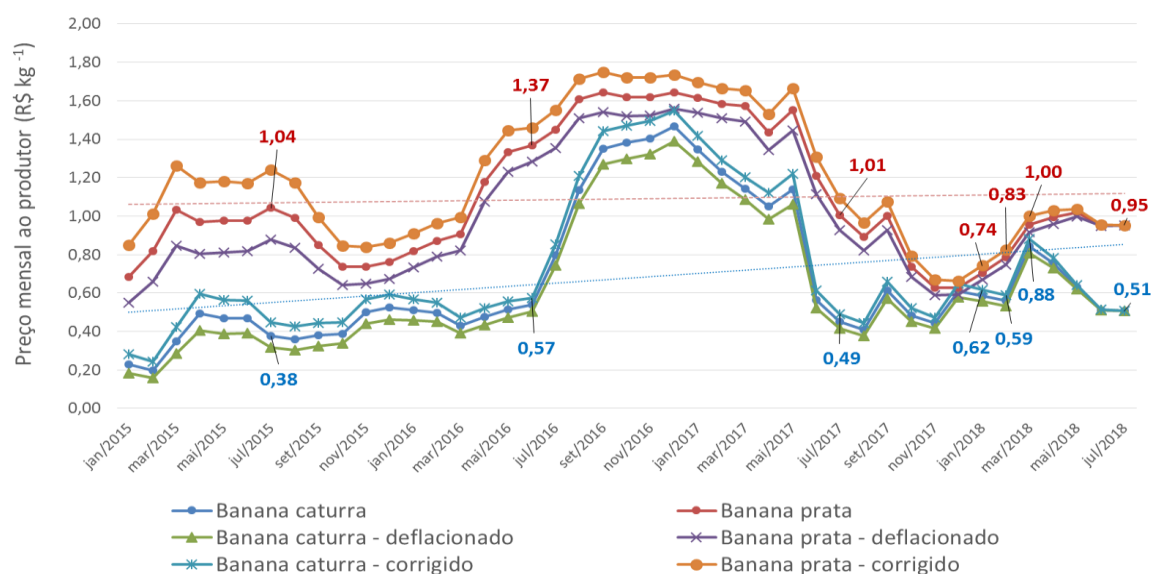
Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	14
Milho.....	17
Soja	21
Trigo.....	24
Hortaliças	27
Alho.....	27
Cebola	30
Pecuária.....	33
Avicultura.....	33
Bovinocultura	38
Suinocultura.....	42
Leite	48

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Nota: preços deflacionados (IGP-DI/FGV – julho/18=100); (*) dados estimados.

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan. 2015 a Jul. 2018

Em julho de 2018 a cotação da banana-caturra desvalorizou 0,7% em relação ao mês anterior, com a manutenção de alta oferta, devido à paralisação dos caminhoneiros no final de maio e a expectativa de maiores volumes nos próximos meses. Os preços deflacionados do mês de junho de 2017 e 2018 apresentaram uma desvalorização de 2,4%, devido o elevado estoque da fruta no mercado e menor demanda ocasionada pelo período de férias escolares. No entanto, no comparativo com o primeiro semestre de 2017, houve uma valorização de 62,8% nas cotações da variedade no mesmo período de 2018. A expectativa é que nos próximos meses, com menor maturação das frutas decorrente de temperaturas baixas e escoamento do excedente com as exportações, ocorra redução da oferta e condições de valorização das cotações.

Entre junho e julho de 2018 o preço da banana-prata seguiu valorizado, em 0,4%; sendo que o comparativo entre as cotações de julho de 2017 e 2018 apresenta valorização de 2,8%. Mas, com o aumento da oferta da variedade no mercado, a tendência é de diminuição nos preços, depois de um período de baixa oferta de frutas que garantiu a manutenção no preço.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças de Santa Catarina – 2018

Praça	Mês				Var. jun.-jul. (%)
	Abril	Maió	Jun.	Jul.	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,63	0,33	0,26	0,37	42,3
Prata	0,89	0,92	0,71	0,80	12,7
Sul Catarinense					
Caturra	0,88	0,93	0,76	0,64	-15,8
Prata	1,10	1,12	1,19	1,11	-6,7

 Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban

No Norte Catarinense, entre junho e julho de 2018 houve valorização dos preços com a redução da oferta nos bananais e melhoria na qualidade da fruta. A estratégia para valorização nas cotações foi o aumento das exportações no período, mesmo que em níveis mais baixos que o ano anterior, e a redução no corte dos cachos na roça, para conter o aumento da oferta da fruta no mercado. A qualidade da fruta está competitiva no comparativo com outras regiões produtoras do país. No Sul Catarinense, com o inverno marcado por temperaturas menores e alta umidade, houve aumento da incidência de *chilling* nas frutas, o que pressionou a desvalorização no preço das frutas da região. A estratégia é intensificar os tratos culturais nos bananais.

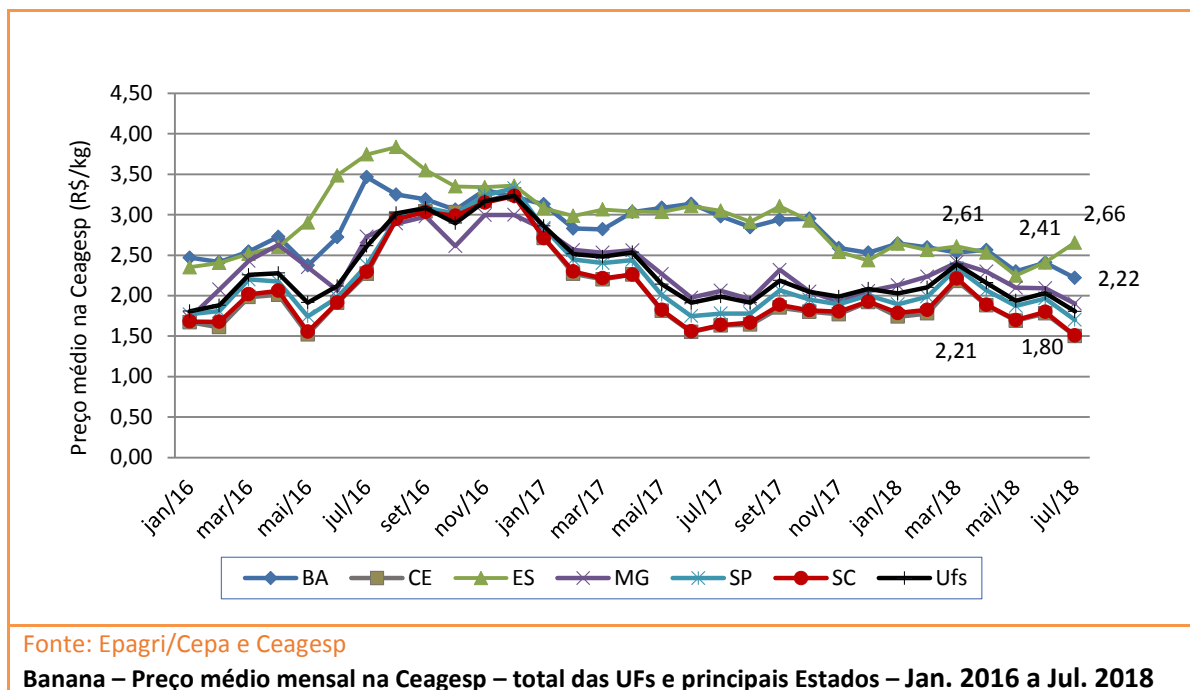
Banana - Preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças de Santa Catarina – 2018

Praça	Mês				Var. jun.-jul. (%)
	Abril	Maió	Jun.	Jul.	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,58	1,45	1,12	1,25	11,6
Prata	1,84	2,00	1,77	1,78	0,6
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,54	1,50	0,88	1,11	26,1
Prata	2,13	2,67	1,55	1,87	20,6
Sul Catarinense					
Caturra	1,55	1,66	1,30	1,25	-3,8
Prata	1,84	1,92	1,83	1,82	-0,5

 Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban

No atacado, o volume que já estava baixo e foi afetado pela greve dos caminhoneiros, ocasionou diminuição nas cotações entre maio e junho. Porém, no final do mês de julho, com a expectativa de aumento sazonal na demanda e redução da oferta no mercado das frutas irrigadas na Bahia e em Minas Gerais, os preços se recuperam com valorização nas cotações. A tendência é que com o aumento na oferta das frutas nos próximos meses os preços possam ser estabilizados, com influência positiva do aumento na demanda de mercado. Com o aumento de novas áreas no Espírito Santo e estiagem no Nordeste e Sudeste que já afetam a qualidade das frutas destas regiões é esperado um aumento relativo na demanda pelas frutas catarinenses.



Na Ceagesp, o volume comercializado no 1º semestre de 2018 foi 1,4% menor que o comercializado em 2017, com 32,6 mil toneladas da fruta. A média da quantidade comercializada de banana na central paulistana, entre 2016 e 2017, foi de 50,7% do volume anual e 47,9% do valor negociado pela fruta.

A expectativa para as exportações de banana aos países do Mercosul é de recuperação entre junho e agosto, sendo o Estado de Santa Catarina o principal exportador. O estado participa com cerca de 85% dos valores totais brasileiros de bananas comercializadas.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças do Brasil – 2018

Praça	Mês		Variação (%)
	Junho	Julho	
Bom Jesus da Lapa (BA)			
Nanica	0,57	0,59	3,5
Prata	1,07	0,76	-29,0
Norte de Minas Gerais (MG)			
Nanica	0,55	0,64	16,4
Prata	1,17	0,84	-28,2
Vale do Ribeira (SP)			
Nanica	0,62	0,71	14,5
Prata	1,40	1,08	-22,9
Vale do São Francisco (BA e PE)			
Nanica	...	...	...
Prata	1,08	0,83	-23,1

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP

Nas principais regiões produtoras do Nordeste brasileiro e do norte mineiro, houve diminuição na oferta da banana-nanica, devido à baixa oferta das frutas decorrente dos efeitos da estiagem e restrições de uso da irrigação com a diminuição nos níveis dos reservatórios de água, ocasionando a recuperação nas cotações. No Vale do Ribeira e em Minas Gerais, mesmo com baixa oferta, as cotações da banana-prata foram desvalorizadas, pois, com a estratégia de antecipar a colheita para suprir o aumento na demanda, muitos cachos estavam com frutas de calibre menor e fora do ponto de maturação para comercialização. A expectativa é um modesto aumento na oferta, com melhoria na qualidade das frutas, determinando a manutenção dos preços médios no mercado.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 e 2017 em relação à estimativa da safra 2018

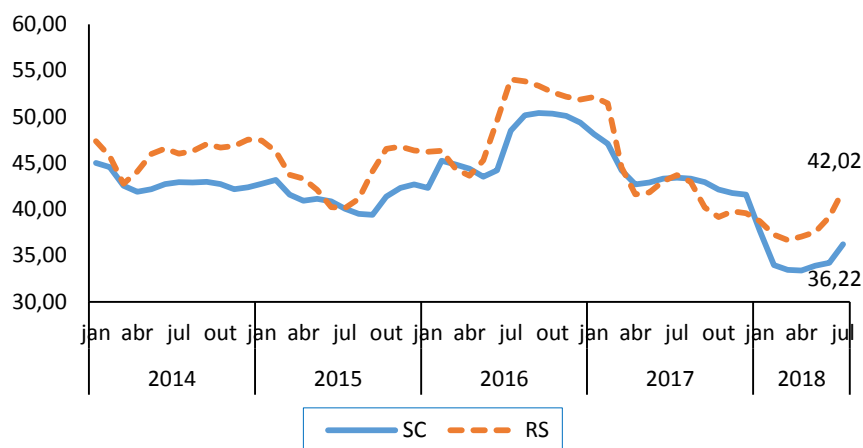
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra 2016			Estimativa safra – 2017			Estimativa safra – 2018			Variação estimativa 2018/safra 2017 (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	151.828	35.699	4.254	151.752	35.673	0,0	-0,0	-0,1
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.875	122.783	31.686	-1,2	-0,1	1,2
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.715	354.238	27.859	12.714	353.378	27.794	-0,0	-0,2	-0,2
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.092	51.329	10.080	5.084	50.396	9.913	-0,2	-1,8	-1,7
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	21.870	15.848	1.339	21.232	15.856	-3,0	-2,9	0,1
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	71	673	9.481	-2,7	-3,0	-0,3
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.038	22.191	21.378	0,1	-1,6	-1,7
Total	28.487	735.323	25.813	28.474	725.357	25.474	28.375	722.404	25.459	-0,3	-0,4	-0,1

Fonte: Epaagri/Cepa

Grãos

Arroz

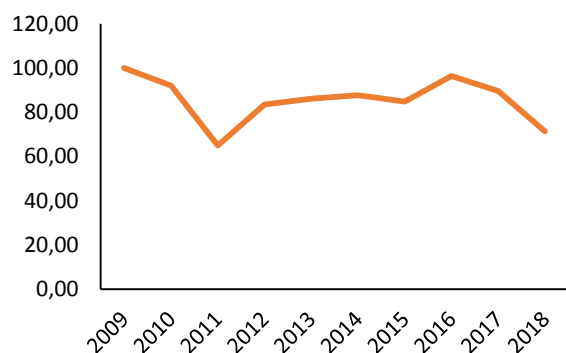
Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glaciapadiao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

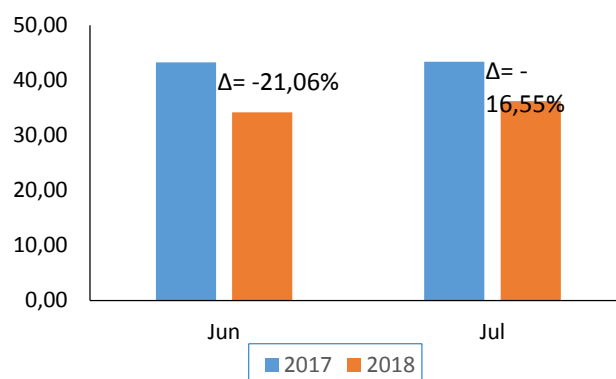
Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Jul./2018) – R\$/sc 50kg

exportados nesse início de mês, em função da redução dos preços internacionais pelo aumento da oferta externa. Na média mensal de julho, os preços catarinenses fecharam em R\$ 36,22, mas o Sul Catarinense alcançou preços próximos dos R\$ 40,00. Apesar da recuperação recente dos preços, estes ainda estão abaixo daqueles observados nas duas ultimas safras. Em comparação com os preços do mês de julho de 2017, em 2018 os preços no mesmo mês foram 16,55% menores. E comparativamente a 2009 o preço médio anual de 2018 está cerca de 29% menor, com comportamento decrescente ao longo dos anos.



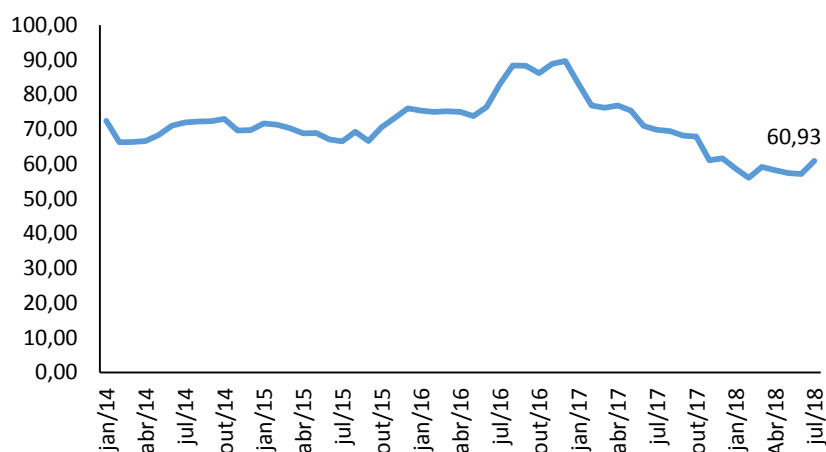
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Índice de preço médio anual ao produtor - 2009 a 2018



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em SC nos meses de junho e julho de 2017 e 2018

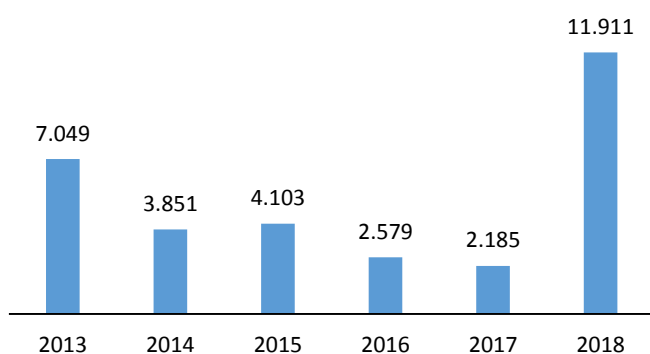


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio real mensal no atacado – Santa Catarina (Jan./2014 a Jun./2018) – R\$/sc 50kg

O aumento dos preços ao produtor começou a ser repassados para o mercado atacadista.

Comparativamente à junho, os preços de julho de 2018 foram 6,6% maiores em Santa Catarina em termos reais. A média mensal fechou em R\$ 60,93 o fardo de 30 kg de arroz beneficiado.



Nota: Dados de 2018 se referem ao acumulado de janeiro a julho.
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz e derivados – Evolução do valor das exportações – Santa Catarina (2013 a 2018) – (US\$ FOB 1000)

No que se refere ao mercado internacional, observa-se que de janeiro a julho de 2018 o valor das exportações foi mais de cinco vezes superior a todo valor exportado em 2017, totalizando US\$ 11,9 milhões. O principal destino foi a Venezuela, que no mês de maio importou do estado quase 30 mil toneladas do grão, totalizando US\$ 8,04 milhões. A África do Sul, tradicional importadora do grão catarinense, importou no mesmo período 6,2 mil toneladas, gerando cerca de US\$ 3,02 milhões. Essa ação resultou em redução da oferta interna e influenciou a variação positiva dos preços no estado. Com a desvalorização do dólar e entrada do grão americano no mercado, este tende a desaquecer.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.530	404.001	7.840	-0,39	0,70	1,09
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.356	67.345	8.059	-0,27	-7,70	-7,44
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.944	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.111	73.128	8.026	-1,62	-4,02	-2,44
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	19.536	164.871	8.439	-2,50	-1,81	0,70
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.926	8.963	-0,53	7,32	7,89
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	173.214	8.212	0,00	8,25	8,25
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	146.939	1.182.596	8.048	-0,93	0,54	1,48

Fonte: Epagri/Cepa (Junho/2018).

A safra 2017/18 de arroz irrigado encontra-se encerrada no estado. O preparo do solo para o plantio da safra 2018/19 já começou no estado, com algumas pequenas áreas já semeadas. Comparativamente à safra 2016/17, a safra 2017/18 apresentou aumento de 0,54% da produção, justificado principalmente pelo aumento da produtividade, que superou a expectativa inicial e fechou em 8.048 kg/ha (média de 161 sacos de 50kg por hectare) e foi 1,48% maior do que a observada no ano anterior. A condição climática favorável, investimentos em tecnologia e cultivares de alto potencial de produtividade, bem como baixa condição para ocorrência de brusone, principalmente na Região Sul do estado, explicam a boa safra obtida no ano.

Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Neste mês de julho, os preços médios pagos aos produtores catarinenses pela saca de 60 kg do feijão-carioca (praça de Joaçaba) recuaram em média 12%, passando de R\$96,67 para R\$85,00. Na comparação com o mês de julho de 2017, portanto há um ano, a variação foi negativa em cerca de 40%. Este comportamento baixista foi observado em todas as praças pesquisadas: Paraná (-9%), São Paulo (-11%) e Minas Gerais (-17%). Em relação há um ano, a defasagem dos preços pagos ao produtor pela saca de feijão-carioca, em termos nominais, está em: -28% para o estado do Paraná; -36 para São Paulo e -31% para o estado de Minas Gerais.

Para o feijão-preto, o preço pago ao produtor pela saca de 60kg em Santa Catarina teve queda de 3,5% no mesmo período; no Paraná, baixa de 2% e no Rio Grande do Sul, alta de 3%. Para o feijão-preto, entre os estados levantados, essa comparação foi positiva apenas em Santa Catarina, alta de 7,4% na comparação entre julho de 2017 e julho de 2018.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2017/18 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jun./2018	Jul./2018	Variação (%)	Jul./2017	Variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	96,67	85,00	-12,07	141,00	-39,72
Paraná		85,65	77,97	-8,97	108,21	-27,95
São Paulo		106,95	95,45	-10,75	149,56	-36,18
Minas Gerais		116,56	96,72	-17,02	140,11	-30,97
Goiás		98,14	97,08	-1,08	165,14	-41,21
Santa Catarina	Feijão Preto	128,89	124,44	-3,45	115,85	7,41
Paraná		115,08	112,77	-2,01	123,05	-8,35
Rio Grande do Sul		127,35	131,23	3,05	139,34	-5,82

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - Julho/2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no último dia 10 de agosto a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 115,00, variação negativa de cerca de 12,2% em relação ao dia 06 de julho. Para o feijão-carioca nota 8,5, a cotação foi de R\$ 110,00, queda de cerca de 19%. O comportamento de mercado para o feijão-carioca segue calmo; já para o feijão-preto o mercado segue nominal.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	10/08/2018	06/07/2018	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,0)	115,00	102,50	12,20	Calmo ⁽³⁾
Feijão Carioca Especial (8,5)	110,00	92,50	18,92	Calmo
Feijão Carioca Comercial (8,0)	95,00	85,00	11,76	Calmo
Feijão Preto Extra	142,50	152,50	-6,56	Nominal ⁽⁴⁾
Feijão Preto Especial	132,50	140,00	-5,36	Nominal

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 10/08/2018.

⁽³⁾ Calmo: quando os preços se mantêm ou sofre pequenas oscilações.

⁽⁴⁾ Nominal: impossibilidade de definir cotação pela falta ou pela abundância de oferta.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Chegamos em julho com a safra catarinense de feijão concluída. O estado possui duas safras de feijão bem definidas. O feijão 1ª safra tem período de cultivo entre os meses de setembro a fevereiro. Para o feijão 2ª safra o ciclo da cultura começa em janeiro e vai até junho. Dependendo do ano agrícola e das condições climáticas, antecipação ou adiamento de plantio, por exemplo, poderão ocorrer nessa janela de cultivo, provocando, muitas vezes, um alongamento ou redução do ciclo de desenvolvimento da cultura. A seguir apresentamos os dados de estimativas finais para o feijão 1ª e 2ª safras para todas as microrregiões do estado de Santa Catarina.

Na safra 2017/18 de feijão 1ª safra, a área semeada no estado foi de 46,9 mil hectares, 2,4% maior comparada à safra passada, que foi de 45,8 mil hectares. A produtividade média estimada para esta safra foi de 1.903 kg/ha, rendimento que representa uma redução de 8% em relação ao obtido na safra 16/17. A 1ª safra de feijão foi marcada por problemas de estiagem na época de plantio, aspecto que retardou esta fase da cultura em diversas regiões do estado, provocando grande desuniformidade das lavouras, o que promoveu situações em que tínhamos lavouras em germinação e em floração numa mesma região ao mesmo tempo, por exemplo.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18

Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa Final - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	107	115	1.073	98	96	979	-8	-16	-9
Blumenau	164	168	1.024	95	100	1.053	-42	-40	3
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.380	19.207	2.048	-1	-5	-3
Canoinhas	6.160	13.450	2.183	6.000	10.734	1.789	-3	-20	-18
Chapecó	2.362	5.051	2.138	2.732	5.509	2.017	16	9	-6
Concórdia	411	627	1.526	624	1.099	1.760	52	75	15
Criciúma	1.076	1.346	1.251	543	630	1.161	-50	-53	-7
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	132	181	1.371	-6	-2	4
Itajaí	7	8	1.143	7	8	1.143	0	0	0
Ituporanga	931	1.857	1.995	1.107	2.212	1.998	19	19	0
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.783	7.085	1.873	1	1	0
Joinville	14	10	714	14	10	714	0	0	0
Rio do Sul	602	992	1.648	588	968	1.646	-2	-2	0
São Bento do Sul	445	838	1.883	500	798	1.595	12	-5	-15
São M. do Oeste	1.297	2.673	2.061	1.077	1.881	1.746	-17	-30	-15
Tabuleiro	400	442	1.105	485	544	1.122	21	23	2
Tijucas	264	426	1.614	184	213	1.158	-30	-50	-28
Tubarão	1.057	1.503	1.422	1.033	1.340	1.297	-2	-11	-9
Xanxerê	7.035	16.634	2.364	9.402	16.613	1.767	34	0	-25
Santa Catarina	45.820	94.562	2.064	46.879	89.194	1.903	2	-6	-8

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Março/2017)

Em relação ao feijão 2ª safra 2017/18, a área semeada estimada foi de 22,3 mil hectares, uma redução significativa de 12% quando comparada à safra passada. Essa redução de área em parte é justificada pelo atraso no plantio da primeira safra em função da estiagem, condição que motivou muitos produtores a deixarem suas áreas em pousio para não atrasar o plantio da soja e/ou do milho 2ª safra. A produtividade média estimada para essa cultura foi de 1.477 kg/ha. Este rendimento representa um aumento de 9% em relação ao obtido na safra 16/17. A 2ª safra de feijão 2017/18 foi considerada uma safra normal. De forma geral não tivemos problemas com condições climáticas adversas durante o ciclo da cultura, sendo que a redução na produção se deu fundamentalmente pela redução da área plantada.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18

Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa final - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	746	499	668	465	418	900	-38	-16	35
Canoinhas	3.700	2.809	759	2.910	3.699	1.271	-21	32	67
Chapecó	2.076	3.138	1.512	2.340	3.645	1.558	13	16	3
Concórdia	64	98	1.523	95	162	1.705	48	66	12
Criciúma	3.488	2.418	693	2.581	3.048	1.181	-26	26	70
Ituporanga	1.465	2.638	1.801	1.500	1.983	1.322	2	-25	-27
Rio do Sul	629	1.109	1.763	623	800	1.284	-1	-28	-27
São Bento do Sul	220	238	1.080	160	150	940	-27	-37	-13
São M. do Oeste	2.215	2.060	930	1.595	2.575	1.614	-28	25	74
Tubarão	1.516	1.003	662	1.289	1.323	1.026	-15	32	55
Xanxerê	9.220	18.207	1.975	8.725	15.100	1.731	-5	-17	-12
Santa Catarina	25.339	34.216	1.350	22.283	32.903	1.477	-12	-4	9

Fonte: Epagri/Cepa, (Julho/2018).

Considerando a 1ª e 2ª safras 2017/18 de feijão, nossa estimativa final resultou numa redução de área de 3%, com a colheita de cerca de 69,2 mil hectares. Essa redução na área plantada contribuiu para uma produção estadual de feijão menor, que foi estimada em 122,1 mil toneladas, redução de 5% em relação à safra passada. O rendimento médio também foi menor em cerca de 2%, ficando em 1.765kg/ha.

Feijão Total – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18 - Santa Catarina

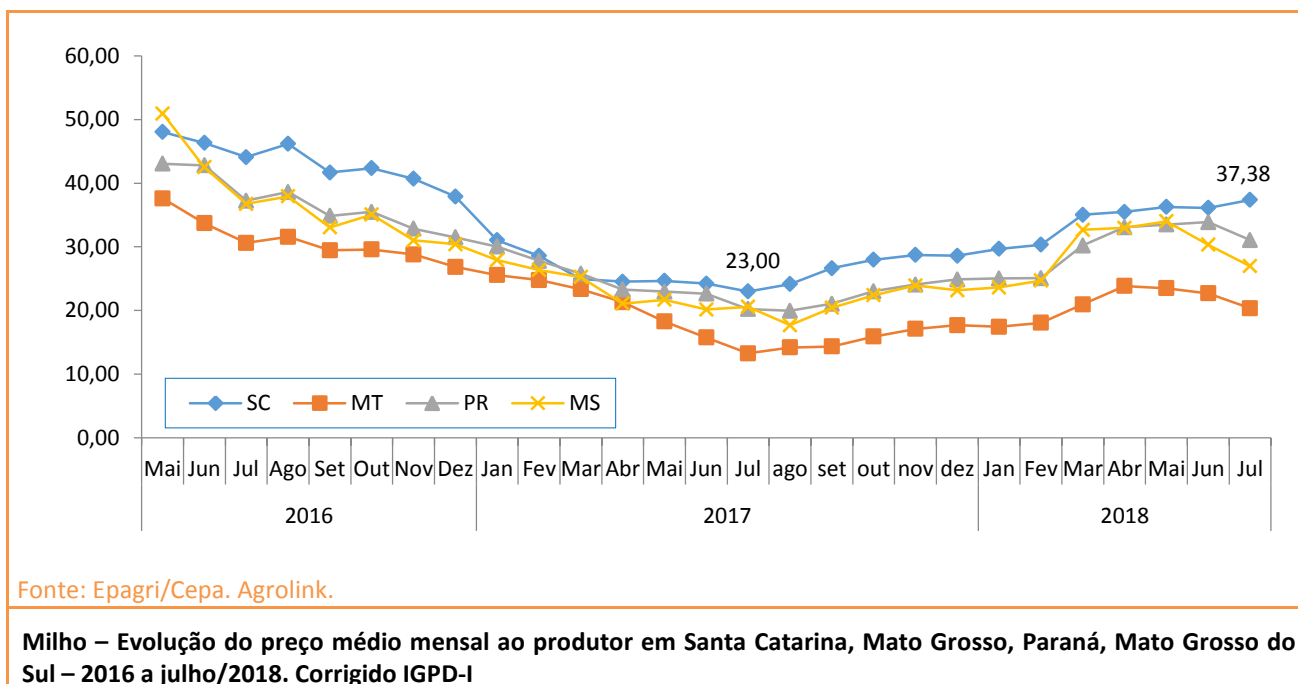
Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa final - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	853	614	719	563	514	913	-34	-16	27
Blumenau	164	168	1.024	156	175	1.122	-5	4	10
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.380	19.207	2.048	-1	-5	-3
Canoinhas	9.860	16.259	1.649	8.910	14.433	1.620	-10	-11	-2
Chapecó	4.438	8.189	1.845	5.072	9.154	1.805	14	12	-2
Concórdia	475	725	1.525	719	1.261	1.752	51	74	15
Criciúma	4.564	3.763	825	3.124	3.678	1.177	-32	-2	43
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	111	146	1.315	-21	-21	0
Itajaí	7	8	1.143	14	17	1.214	100	113	6
Ituporanga	2.396	4.495	1.876	2.607	4.195	1.609	9	-7	-14
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.783	7.085	1.873	1	1	0
Joinville	14	10	714	22	16	727	57	60	2
Rio do Sul	1.231	2.101	1.707	1.211	1.768	1.460	-2	-16	-14
São Bento do Sul	665	1.076	1.617	660	948	1.436	-1	-12	-11
São M. do Oeste	3.512	4.733	1.348	2.672	4.456	1.667	-24	-6	24
Tabuleiro	400	442	1.105	500	769	1.538	25	74	39
Tijucas	264	426	1.614	548	833	1.520	108	96	-6
Tubarão	2.573	2.506	974	2.322	2.663	1.147	-10	6	18
Xanxerê	16.255	34.841	2.143	18.127	31.713	1.749	12	-9	-18
Santa Catarina	71.159	128.779	1.810	69.162	122.097	1.765	-3	-5	-2

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Julho/2017).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Desde o início do ano os preços do cereal apresentaram elevação consistente. No entanto, nos meses de junho e julho recuaram, em especial nos estados onde a segunda safra é representativa. No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná as cotações em junho, registraram R\$ 20,60/sc, R\$ 26,98/sc, R\$ 31,06/sc e R\$ 37,38/sc, respectivamente. Em relação à variação frente ao mês anterior, houve comportamento diferenciando entre os estados. Santa Catarina apresentou reação positiva de 3,4%, enquanto no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná aconteceu recuo em média de 9,8% nos preços, como pode ser visualizado no gráfico abaixo. Este comportamento é analisado no contexto da safra nacional, a seguir. Em Santa Catarina, os valores praticados neste mês continuam sendo os mais elevados desde janeiro de 2017. Relativo ao mesmo mês do ano anterior (julho/2017), o valor pago ao produtor está superior em mais de 60%.



Safra nacional

Avanço da colheita da segunda safra no Brasil pressiona preços internos

A colheita do milho na 2ª safra chegou a 45% dos 1,7 milhão de hectares cultivados no Mato Grosso do Sul, um dos maiores fornecedores do cereal para o Estado, com redução da produção estimada em 23% relativo à safra anterior, conforme estimativa da APROSOJA-MS. Apesar desta redução considerável na produção, os preços tem recuado, em especial nas regiões produtoras.

A pressão nas cotações do milho tem componentes internos e externos. Internamente, os preços do milho recuaram em função do avanço da colheita da 2ª safra nos estados de MT, MS e PR e do mercado bastante travado, por questões de indefinição no valor do frete. No mercado externo, o bom desenvolvimento da safra norte-americana está influenciando negativamente a cotação internacional do cereal. A isso, soma-se a crise comercial entre os EUA e a China. Além disso, nem a alta do dólar no final do mês de junho e início

de julho foi suficiente para segurar os preços internos, em especial nas regiões produtoras no Centro Oeste, que se mantiveram abaixo dos praticados em maio e junho. Essas regiões, por seu perfil exportador, tem forte paridade com o mercado internacional.

Apesar da queda dos preços em junho e julho em vários estados, em Santa Catarina os preços se mantiveram estáveis e com elevação. Santa Catarina e Rio Grande do Sul encontram-se em período de entressafra. Dependemos, daqui para frente, do cereal vindo de outros estados e das importações.

Milho 1ª safra: A produção está estimada em 26,8 milhões de toneladas, 11,9% inferior à safra passada, redução influenciada principalmente pela redução na área semeada.

Milho 2ª safra: com a colheita em andamento e parte da produção impactada por forte estresse hídrico, a produtividade sofreu grande impacto, resultando numa produção de 55,3 milhões de toneladas, sendo 17,8% inferior à safra passada e 1,2% inferior ao levantamento anterior, que reportava 56 milhões de toneladas¹.

Estoques: Diante do impasse em relação aos fretes desde junho, diversos agentes do mercado, como tradings e analistas, já reajustaram a expectativa de exportação para 27 milhões de toneladas, abaixo dos 29 milhões exportados no ano anterior. A demanda interna deve permanecer a estimada, uma vez que não há indicativos de diminuição de plantel animal e nem da demanda por etanol. Portanto, diante da estimativa da produção de 82,1 milhões de toneladas, o volume de estoque de passagem pode chegar a 12,9 milhões de toneladas, um montante ainda confortável para atendimento do mercado interno demandante de milho.

Panorama estadual

A safra total de milho está finalizada, incluindo 1ª e 2ª safras, totalizando 2,56 milhões de toneladas produzidas no estado. Em relação a última safra (2016/17) houve uma retração de 20,5% na produção total. O rendimento foi menor do que o esperado, em função de estiagem no período de floração nas regiões de Campos Novos e no início do plantio em São Miguel do Oeste. Há que se ressaltar que, considerando a média de rendimento das últimas 3 safras, que foi de 7.970 Kg/ha², a atual safra pode ser considerada normal.

Milho – Milho 1ª Safra, Milho 2ª Safra e Milho Total Safra 2017/18 e comparativo safra anterior 2016/17

	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod.	Rend. médio
1ª Safra	362.987	3.147.214	8.670	305.983	2.468.879	8.069	-15,7	-21,6	-6,9
2ª Safra	16.074	85.639	5.328	16.767	99.944	5.961	4,3	16,7	11,9
Milho Total	379.061	3.232.853	8.529	322.750	2.568.823	7.959	-14,9	-20,5	-6,7

Fonte: Sistema de Acompanhamento de Safra, Epagri/Cepa.

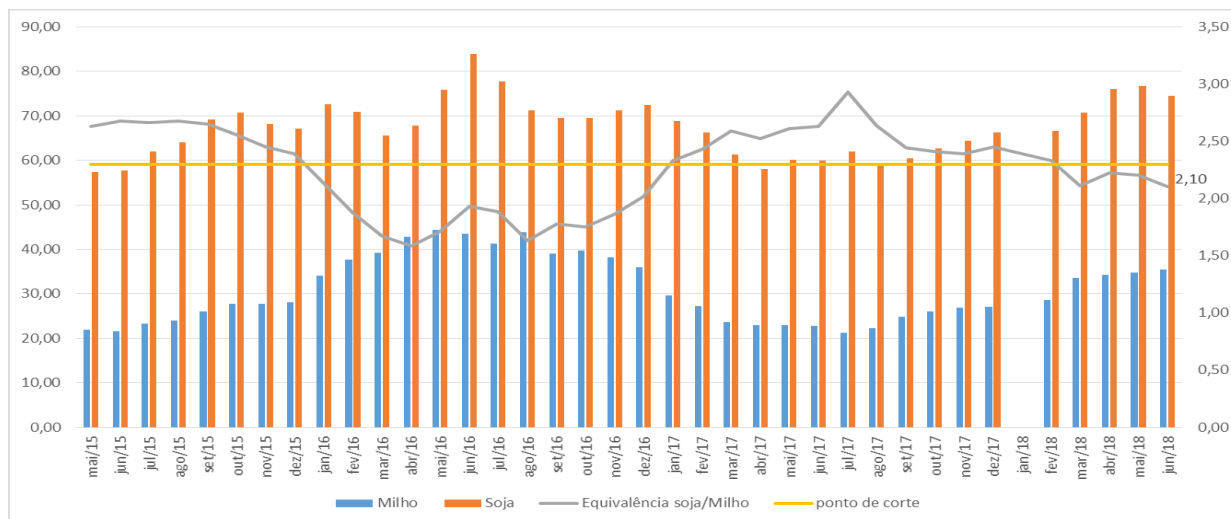
¹ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.11 - Décimo primeiro levantamento, agosto 2018.

² Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

Relação soja/milho

Principal concorrente por área de cultivo na safra de verão, a soja vem apresentando crescimento constante na área cultivada no Brasil, sendo a 12ª safra consecutiva com aumento de área de cultivo da leguminosa, ocupando terras antes destinadas ao milho, feijão, pastagens e outras culturas. Em função da demanda internacional e pela sua liquidez, a soja vem sendo opção rentável aos produtores. De modo geral, o preço é um dos principais componentes na tomada de decisão dos produtores. Por um lado, constitui aspecto favorável, contribuindo com a pauta de exportações, por outro, está levando a diminuição do suprimento de milho no Estado, que deverá importar mais de 4 milhões de toneladas de outros estados e/ou do exterior. Com um ponto de corte da relação soja/milho de 2,3; ou seja, quando o preço da soja ultrapassa em 2,3 vezes o do milho, a soja sai favorecida na relação de preço com o milho em muitas ocasiões. No entanto, nos últimos quatro meses, com o preço do milho fortalecido, este toma força na comparação quanto à competitividade. Com o preço base de junho, a relação ficou em 2,10 (Gráfico). Obviamente, que este é um critério geral, fundamentado em preço, existindo particularidades para cada região de plantio. O risco da cultura e custo de produção também são fatores determinantes na decisão. Contudo, é um sinal que o milho pode estar competitivo para próxima safra, pois a 1ª safra no sul do Brasil vem diminuindo sistematicamente nos últimos anos, podendo ocasionar problemas de abastecimento em alguns momentos, associado ao volume de exportações, que poderá alcançar 27 milhões de toneladas até final do ano.

Há informações que algumas agroindústrias no sul do Brasil estão realizando contratos de compra futura para fevereiro/março de 2019, ofertando preço de R\$ 35,00/saca de milho. Isto trás uma perspectiva satisfatória para os preços continuarem no patamar daqueles praticados neste ano, fato que poderá incentivar o plantio do milho no sul do Brasil.



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho/Soja – Evolução da relação soja/milho 2015-2018 (relativo preços R\$/saca, praça Chapecó)

A expectativa para a próxima safra é de que a área cultivada com o cereal tenha um pequeno incremento. No entanto, as estimativas iniciais para safra 2018/19, com relação à área, produção e rendimento, serão lançadas em setembro próximo. Ressalta-se que o produtor, mesmo com preços satisfatórios praticados desde o início do ano de 2018, ainda ficam temerosos na opção de cultivo, em função das grandes oscilações nos preços dos anos anteriores e alta do custo de produção, que também aconteceu para soja.

Climatologia³ (o que se espera para próximo trimestre):

No trimestre a previsão é de **chuva na média a acima**, sendo os valores acima da média esperados com a chegada da primavera.

No mês de agosto a média climatológica de chuva varia de 100 a 120mm no Planalto Norte e Litoral e de 120 a 190mm no Extremo Oeste, Oeste, Meio Oeste e Planalto Sul. Em setembro, a média de chuva sobe para 130 a 200mm no Oeste, Meio Oeste e Planalto e de 130 a 150 mm no Vale do Itajaí e Litoral. Em outubro a média histórica é de 250 a 260mm no Extremo Oeste e Oeste, de 190 a 210mm no Meio Oeste e Planalto e entre 150 e 160mm no Litoral e Vale do Itajaí. A chuva no trimestre é causada, principalmente, pela influência de frentes frias e sistemas de baixa pressão.

Temperatura:

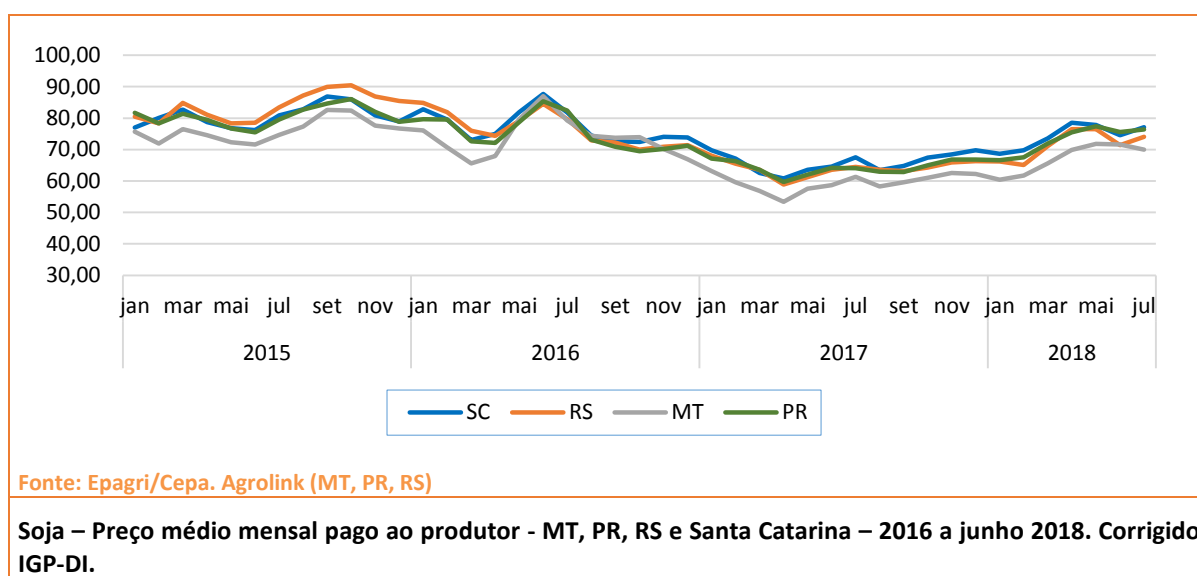
Para o trimestre a previsão é de temperatura na média a acima da média climatológica. Em agosto ainda são esperadas massas de frio, especialmente nas primeiras semanas, com formação de geada ampla e temperaturas negativas. Os meses de setembro e outubro seguem com aquecimento dentro do esperado para a nova estação (primavera).

³ http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em julho houve uma recuperação dos preços da soja pagos aos produtores, registrando R\$ 69,96; R\$ 76,36 e R\$ 74,04 (saca de 60 kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de junho, os preços tiveram uma elevação de 0,83% nestes estados, sendo que apenas em MT houve recuo na cotação. No comparativo com o mês de junho de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 17,31%. Em Santa Catarina os preços apresentaram reajuste de 3,35% entre junho e julho/18, com a saca cotada a R\$ 74,57.



Panorama regional

A produção estimada de soja em Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,41 milhões de toneladas, em 658 mil hectares cultivados. A colheita da safra 2017/18 está encerrada, confirmando a expansão na área cultivada em 3,9% com relação à safra 2016/17. Assim, deverá alcançar, com o ajuste da área cultivada na atual safra em algumas regiões, 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo. No entanto, em termos de rendimento houve redução de 2% em relação à safra anterior. Problemas pontuais de estiagem na Região de Lages e ocorrência de “mofo branco” em Campos Novos e Planalto Norte justificam a redução da produtividade, conforme pode ser observado na tabela a seguir. Mesmo assim, a produção total do estado deverá ser superior à safra anterior em 1,9%, em função do crescimento da área cultivada. Este aumento na área cultivada decorre da redução da área plantada com milho, pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas, ao longo dos anos.

Soja – Área, produção e rendimento por Microregiões produtoras – Safra 2016/17 comparativo 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	62.230	222.758	3.580	4,1	11,8	7,4
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	129.800	450.720	3.472	-1,4	-10,2	-8,9
Chapecó	88.512	292.035	3.299	92.941	300.866	3.237	5,0	3,0	-1,9
Concórdia	5.617	20.309	3.616	5.330	19.855	3.725	-5,1	-2,2	3,0
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	438.490	3.880	4,9	-2,3	-6,9
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.240	34.140	4.143	7,2	13,1	5,6
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	15.721	3.916	2,0	14,7	12,4
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	11.500	37.020	3.219	-23,3	-25,8	-3,2
São Miguel do Oeste	42.790	128.454	3.002	41.277	137.399	3.329	-3,5	7,0	10,9
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.040	545.578	3.685	6,8	11,0	4,0
Santa Catarina	658.254	2.413.801	3.667	684.045	2.458.541	3.594	3,9	1,9	-2,0

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema Acompanhamento Safras, Jul. 2018.

Panorama nacional

Soja: a produção de soja alcança recorde de 119 milhões de toneladas, 4,3% superior à safra passada.⁴

Fatores determinantes de mercado no período

- **Alta do dólar em relação ao real:** principal fator que manteve os preços da soja estáveis no Brasil de maio até o momento (início de agosto).
- **China x USA:** ainda repercutem no mercado as relações comerciais entre China e USA. Com isso, o produtor brasileiro ganha a preferência na compra da soja pela China;

Reunião sul-brasileira de soja – Três de Maio – RS – 14 a 16 ago./2018

A Reunião de Pesquisa de Soja da Região Sul teve início em 1973, objetivando socializar conhecimentos gerados em pesquisas sobre a cultura nos estados da Região Sul do Brasil. Ressalta-se que a cultura da soja foi uma das que mais cresceu, correspondendo, atualmente, a aproximadamente 50% da área cultivada com grãos no país.. Para 2018, cujas entidades credenciadas são Emater/RS, Embrapa Soja, UPF, UFSM, UFPel. Contudo, a organização do evento ocorre em parceria com várias instituições de ensino, pesquisa e extensão, visando uma discussão completa sobre a cadeia produtiva. A Epagri/Cepa participou do evento, apresentando a situação da soja no Estado e números do Acompanhamento da safra.

Os principais temas abordados foram: mercado de soja, soja plantio no tarde ou 2ª safra, relatos de produtores e contexto de expansão da área cultivada no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

⁴ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.11 - Décimo primeiro levantamento, agosto 2018.

Soja - 2ª Safra

Uma prática que vem tomando vulto nos últimos anos é o cultivo da soja 2ª safra ou safrinha. Apesar das recomendações técnicas contrárias ao crescimento que vem sendo registrado da área de soja semeada na safrinha, o fator que mais pesa na decisão sobre o quê cultivar nesta época ainda é o econômico. O bom retorno financeiro e a liquidez que a cultura da soja vem apresentando nos últimos anos estão fazendo com que um expressivo número de agricultores esteja alcançando resultados variáveis, mas satisfatórios, em semeaduras efetuadas logo após a colheita do milho, feijão e até mesmo da soja. Estas lavouras são conduzidas fora da indicação do Zoneamento Agrícola de cada estado não estando, portanto, sujeitas a cobertura do crédito e seguro agrícolas⁵.

Alguns considerações sobre o tema soja plantio 2ª safra no evento:

1. O cultivo de soja em período tardio, denominado safrinha ou 2ª safra considerado uma oportunidade de utilizar custos fixos e estrutura existente, porém com maior risco inerentes ao clima;
2. Áreas de cultivo de milho x soja no RS e SC superam 50 mil hectares em cada Estado, relato de algumas cooperativas e agentes produtivos. Não se pode ignorar este fato;
3. No evento houve alguns relatos de produtores do cultivo nesta época com sucesso, superando 40 sacas/ha, em especial em regiões com microclima favorável, como Vale do Rio Uruguai e outras;
4. O potencial produtivo é inferior quando a semeadura ocorrer em período posterior a “janela” preferencial, conforme zoneamento agroclimático. Semear mais tarde, após 31 de dezembro, apresenta potencial produtivo decrescente;
5. Os riscos climáticos são maiores. O controle fitossanitário poderá ser maior;
6. O plantio em sucessão soja x soja é condenável tecnicamente. A pesquisa alerta que a soja cultivada na safrinha, especialmente em sequência a outra lavoura de soja (soja sobre soja), apresenta problemas fitossanitários, agravados pela maior presença de inóculo de doenças, principalmente de ferrugem asiática e de nematóide de cisto⁶. Além disto, o cultivo da soja na safrinha proporciona baixo aporte de fitomassa na superfície do solo, fato agravado pela sua baixa relação C/N;
7. Uma perspectiva de rotação seria soja x milho safrinha, plantio de soja após 15 de setembro, que, em tese, poderia ter maiores avanços da pesquisa no desenvolvimento e adaptação de cultivares ao sistema;
8. Contudo, é um desafio para a pesquisa, numa situação que empiricamente os agricultores estão experimentando há algum tempo e assumindo riscos inerentes ao sistema;
9. No entanto, mesmo que se obtenham resultados que contribuam na condução de soja safrinha, é importante lembrar que a diversificação de culturas é essencial para a sustentabilidade dos sistemas de produção, fato já comprovado por vários trabalhos de pesquisa conduzidos por diversas instituições no Brasil e no Mundo.

⁵ <http://cultivares.com.br/noticias/index.php?c=3295>.

⁶ Nota Técnica. https://www.embrapa.br/documents/1355202/1529289/Soja_Safrinha_Embrapa.pdf.

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Quando falamos em safra de trigo, não podemos deixar de fazer relação direta com a farinha de trigo que está presente em praticamente todas as residências brasileiras. Pesquisa encomendada pela Abitrigo – Associação Brasileira das Indústrias de Trigo em 2017, revela que o consumo *per capita* de trigo no Brasil está em 40,62kg/habitante/ano. A pesquisa se dedicou a caracterizar o perfil dos moinhos de trigo brasileiros. Ao todo foram entrevistadas 67 empresas responsáveis por 94 moinhos, que respondem por cerca de 80% da moagem nacional. Em Santa Catarina são cerca de 24 moinhos ativos. Em primeiro lugar está o Paraná, com 67 unidades e em segundo lugar o Rio Grande do Sul, com 55 unidades. Do total de trigo moído no País, cerca de 52% tem origem nacional e 48% é importado. Deste, cerca de 35% vem do país vizinho, a Argentina.

A pesquisa demonstrou ainda que, cerca de 46% das vendas de farinha são de: farinha industrial, que se destina a produção de pães (15%); massa (11%); biscoitos (10%); congelados (5%); pizzas (3%) e confeitos (1%). Outros 29% são de farinhas domésticas, com destaque para a tipo 1 (24%), que é a farinha que o consumidor encontra nos mercados. O restante, cerca de 24% são de farinha para pré-mistura, que possui como destino os panifícios (22%). Outro resultado que chama a atenção é de que a indústria moageira de trigo nacional está ociosa. Temos uma capacidade instalada de moagem/ano de aproximadamente 12,6 mil toneladas, para um consumo de farinhas da ordem de 8,4 mil toneladas em 2017.

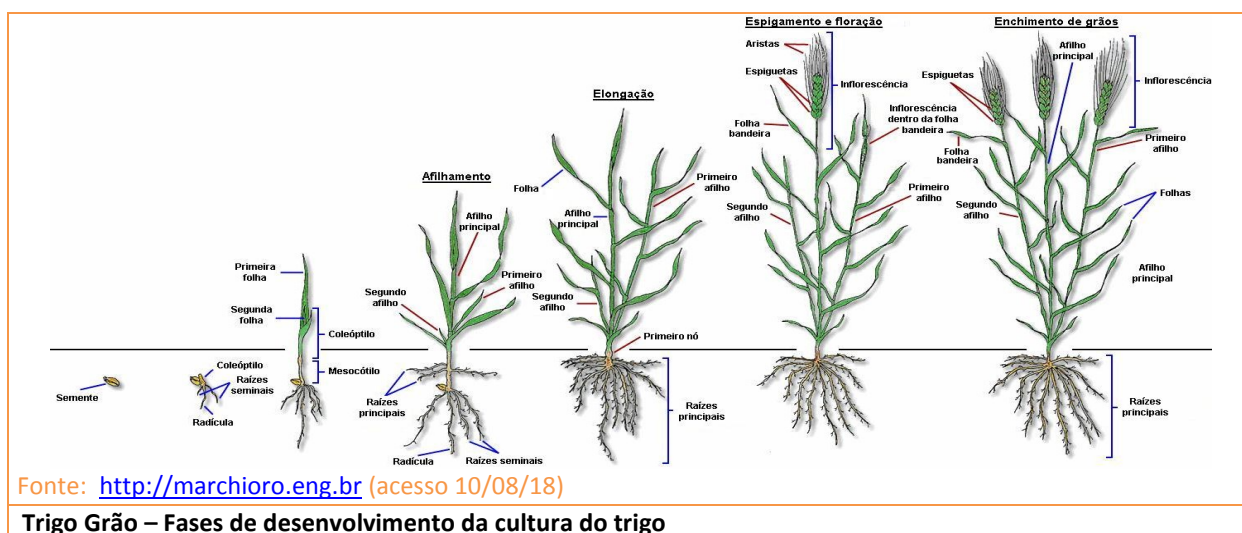
Em relação ao desenvolvimento das lavouras à campo na presente safra, toda área destinada ao plantio do cereal no estado já foi plantado. Durante os últimos 60 dias muito foi especulado em relação a eventuais prejuízos que a estiagem poderia ter provocado nas lavouras. Nossos agentes de mercado, que acompanham semanalmente a evolução do calendário agrícola das culturas acompanhadas, nos relataram que não houve prejuízos significativos, sobretudo pela estiagem ter atingido a cultura apenas em sua fase de desenvolvimento vegetativo. A cultura do trigo nesta fase não é muito exigente em umidade. Além disso, as baixas temperaturas e a pouca nebulosidade, registrados em grande parte do tempo neste período, contribuiu para que as plantas não sofressem com estresse hídrico. O que observamos no campo são lavouras com excelente aspecto e bom desenvolvimento agrônômico.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Lavouras de trigo – Canoinhas,SC, em 10/08/2018

Em termos gerais, a maioria das lavouras encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo, entre os estádios fenológicos de afilamento e alongação (ver figura). Nesta fase, os produtores devem ficar atentos quanto ao aumento da incidência de doenças fúngicas, sobretudo em regiões que apresentam alta umidade e nebulosidade durante boa parte das manhãs. Em condições de clima seco e tempo firme, os produtores devem intensificar os cuidados com a aplicação de nitrogênio em cobertura e pulverizações com fungicidas. Para o próximo mês, boa parte das lavouras estará em fase de frutificação. A expectativa é de que teremos uma boa produção, permanecendo as previsões de clima favorável à cultura do trigo.



O mercado manteve tendência alta para os preços pagos aos produtores. No Paraná, segundo o Deral/PR, pelo trigo de boa qualidade disponível para venda o produtor recebeu no mês de julho R\$ 49,35/saca de 60kg, aumento de cerca de 35% em relação ao mês de junho. Em relação ao ano passado, os preços estão superiores em cerca de 41%. No Rio Grande do Sul os preços pagos aos agricultores gaúchos tiveram um aumento de cerca de 0,5% no mês de julho em relação a junho, passando de R\$ 40,60 para R\$ 40,78/saca de 60kg. Em Santa Catarina os preços médios recebidos pelos agricultores produtores de trigo subiram cerca de 1,10% neste mês, ficando em R\$ 43,25/saca de 60kg, contra R\$ 42,78/saca de 60kg praticados no mês anterior. Na comparação com o ano passado, para o mês de julho os preços, em termos nominais, estão cerca de 25% maiores.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg					
Estado	Junho/2018	Julho/2018	Variação mensal (%)	Julho/2017	Variação anual (%)
Santa Catarina	42,78	43,25	1,10	34,57	25,11
Paraná	46,59	49,35	5,92	35,11	40,56
Rio Grande do Sul	40,60	40,78	0,44	31,21	30,66
São Paulo	64,31	63,43	-1,37	38,54	64,58

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Julho/2018

Segundo dados da Conab, no estado do Paraná o plantio de trigo já foi concluído. A expectativa é de que haja um aumento de 12,7% na área plantada no estado e um incremento na produtividade de 17,8% em relação à safra anterior, resultando numa rendimento de 2.718 kg/ha. As lavouras a campo, de maneira geral, tem apresentado boas condições, apesar de algumas regiões do estado terem sido prejudicadas pela estiagem prolongada. No Rio Grande do Sul, a semeadura do trigo está tecnicamente encerrada. Nas já implantadas, 96% estão no estágio de perfilhamento, 2% em alongamento e 2% em germinação. As lavouras, de maneira geral, apresentam boas condições de desenvolvimento. A área plantada será praticamente a mesma do ano passado, cerca de 695 mil hectares.

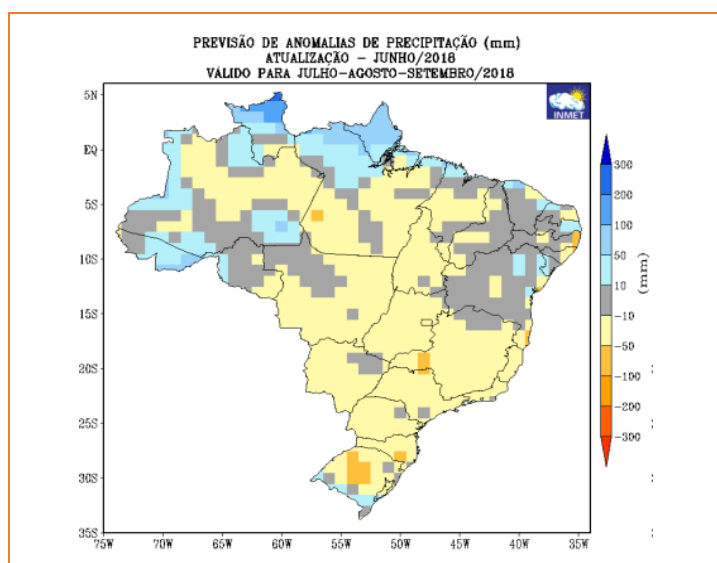
Em Santa Catarina, o plantio está encerrado e as lavouras vem apresentando bom desenvolvimento vegetativo. Na Região Oeste do estado, apesar da estiagem ter prejudicado um pouco a fase de germinação e desenvolvimento inicial das plantas, é possível observar que houve um bom perfilhamento. A preocupação é de que essa restrição hídrica prejudique a formação e enchimento de grãos, resultando em espigas menores, ocasionando redução na produtividade. Contudo, ainda não é possível estimar uma eventual redução na produção. Na Região do Meio Oeste, mais especificamente em Campos Novos, as lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento inicial. Embora tenha chovido pouco na região nas últimas semanas, ainda não se fala em prejuízos para a cultura. Os dias mais curtos, nublados e com bastante umidade durante as noites e pelas manhãs tem amenizado a falta de chuvas. Produtores motivados pelos bons preços praticados no início da safra optaram por investir na cultura, resultando num pequeno aumento de 2% na área plantada nesta safra em relação à safra passada. A expectativa é de que tenhamos um incremento em produção na ordem de 36%, resultado de um rendimento médio estimado superior a 3.200kg/ha.

Trigo Grão – Comparativo safra 2017/18 e Estimativa inicial safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa inicial Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	540	1.150	2.130	450	959	2.130	-17	-17	0
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	12.190	44.446	3.646	27	59	25
Chapecó	14.030	34.722	2.475	12.049	33.735	2.800	-14	-3	13
Concórdia	915	2.246	2.455	906	2.429	2.681	-1	8	9
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	29.250	3.900	0	83	83
Ituporanga	505	1.054	2.086	795	2.815	3.541	57	167	70
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.260	12.599	3.865	-5	68	77
Rio do Sul	225	485	2.156	290	713	2.459	29	47	14
São Bento do Sul	150	357	2.383	230	690	3.000	53	93	26
São Miguel do Oeste	2.507	6.511	2.597	2.987	7.972	2.669	19	22	3
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	13.565	39.153	2.886	-2	28	30
Outras ⁽¹⁾	20	36	1.800						
Santa Catarina	53.217	128.602	2.417	54.222	174.760	3.223	2	36	33

⁽¹⁾ Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2018).



Segundo dados do Inmet – Instituto Nacional de Meteorologia, durante os meses de março e abril as chuvas foram abaixo da normal climatológica em grande parte da Região Sul, em consequência da atuação do fenômeno La Niña, que provoca a passagem rápida de frentes frias, desfavorecendo a ocorrência de chuvas mais intensas, principalmente sobre a parte oeste da região. O prognóstico indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Sul, sobretudo nas regiões Oeste, Meio Oeste e Planalto Norte do estado.

Hortalças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epaagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Nova safra de alho em Santa Catarina tem plantio finalizado

A participação de Santa Catarina na produção nacional de alho, na última safra, foi de aproximadamente 22% da área colhida no Brasil, segundo dados do IBGE. Esta participação deve permanecer, mesmo com as dificuldades que os produtores catarinenses enfrentaram no período da comercialização.

Na última safra, em Santa Catarina a área plantada teve um incremento de aproximadamente 20% em relação à safra anterior, alcançando 2500 ha. A expectativa de manutenção da área plantada da safra passada não deixa de ser um pouco surpreendente, pelos resultados econômicos pouco promissores obtidos pelos produtores na safra 2017.

Algumas razões podem explicar esse comportamento dos produtores em Santa Catarina. A primeira é de que a cultura do alho se consolidou em muitas propriedades nas regiões produtoras, principalmente em termos de infraestrutura de produção, como irrigação, máquinas e equipamentos, adquirindo, assim, um grau de especialização das unidades produtoras. Outro aspecto apontado como possível causa desse quadro, foi a disponibilidade de “alho semente” na região, em função da baixa comercialização da safra passada.

Desde 1995, com a abertura do Mercosul, o mercado brasileiro do alho tem significativa participação de produto importado, cujo impacto para os produtores de Santa Catarina, naquele ano, foi de redução na ordem de 50 % da área plantada. A recuperação desse mercado foi gradativa e desafiadora para o setor, que apostou em tecnologia e redução de custos para fazer frente ao novo contexto de competitividade.

Após a superação dos impactos da eliminação de tarifas no âmbito do Mercosul, o desafio foi implantar as taxações do produto oriundo fora do bloco econômico do Sul, especialmente sobre o alho oriundo da China (Antidumping e Letec).

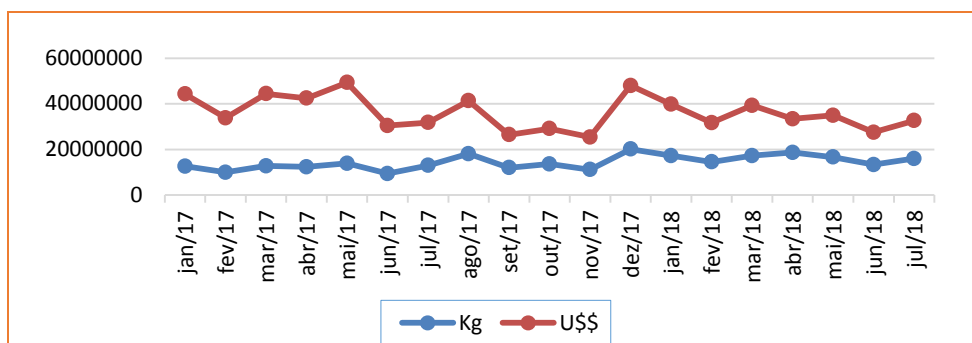
Desse modo, a dinâmica do mercado para o alho no Brasil é reflexo de um conjunto de fatores produtivos internos e externos, especialmente da produção nos países tradicionalmente exportadores atuando num mercado “aberto” e dinâmico.

Num breve histórico dos últimos três anos (Tabela abaixo), percebe-se que de janeiro a dezembro de 2017 foram internalizadas 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8%. Já em 2018, as importações de alho para o Brasil mostram recuperação em relação ao ano passado. De janeiro a julho de 2018 a média foi de 16,24 mil toneladas/mês. O volume total alcançado nos primeiros sete meses desse ano é de 113,69 mil toneladas de produto importado, com média mensal superior a 2016, que foi de 14,41 mil toneladas, e de 2017, que foi de 13,26 mil toneladas.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	15,99	-	-	-	-	-	113,69

Fonte: Comexstat/MDIC: agosto/2018.



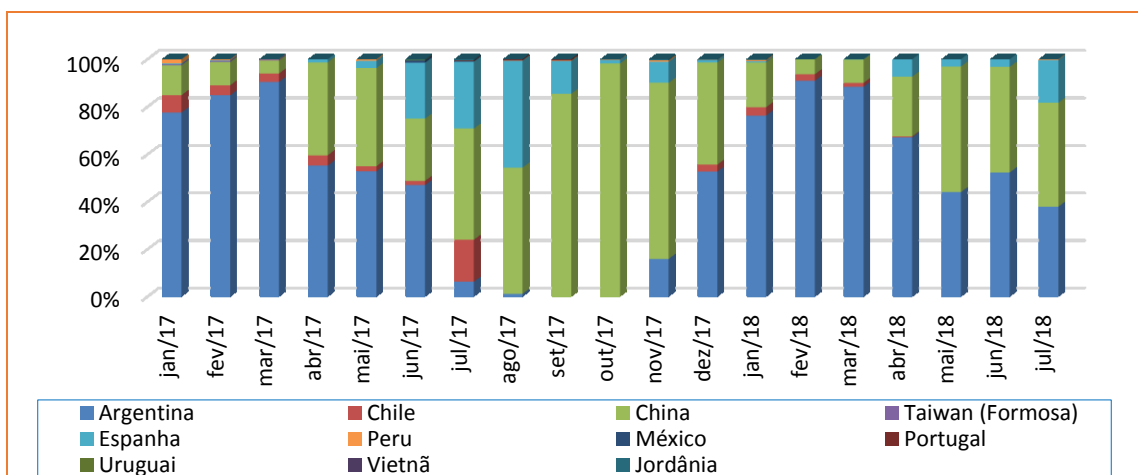
Fonte: Comexstat/MDIC: agosto/2018.

Importação de alho pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan-jul/2018

Como elementos comparativos do comportamento dos preços no mercado internacional do alho, especialmente nesse ano em que há grande oferta, o preço médio FOB declarado por kg de alho no mês de fevereiro de 2018 foi de US\$ 1,18/kg, tendo uma pequena recuperação no mês de março, quando o preço registrado foi de US\$ 1,27/kg, crescimento de 7,09 %.

No mês de abril, o preço médio FOB registrado teve grande queda, atingindo US\$ 0,79/Kg, redução de 37,79 % em relação ao mês anterior. No mês de maio, houve recuperação do preço internacional, atingindo US\$ 1,09/Kg. No mês de junho o preço teve pequena redução em relação a maio, tendo preço FOB registrado a US\$ 1,06/kg. No mês de julho, o preço FOB registrado foi de US\$ 1,041/Kg, nova redução de 1,7%.

Na figura abaixo, apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de julho de 2018 o principal fornecedor foi a Argentina, com 6,98 mil toneladas, perfazendo 52,36% do total do alho importado no período, seguido pela China, com 5,91 mil toneladas, atingindo 44,33%, e a Espanha com 0,42 mil toneladas, equivalente a pouco mais de 3 % do total importado.



Fonte: Comexstat/MDIC: agosto/2018.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - jan. a dez. 2017 e jan./jul./2018

A conjuntura recente do mercado de alho contrasta fortemente com 2016 e 2017, quando houve a internalização de 172,97 mil toneladas de alho, a um preço médio FOB de US\$ 1,89/kg e 159,20 mil toneladas de alho com preço médio FOB de US\$ 1,80/Kg, respectivamente. Já em 2018, o quadro mudou

drasticamente, pois quando comparamos os números dos primeiros sete meses, o preço médio FOB registrado por kg de alho importado foi de US\$ 1,10/kg, uma queda importante superior a 36,1 % em relação à 2017 e mais de 41% em relação à 2016.

Em Santa Catarina, conforme levantamento de campo da Epagri/Cepa, pelas baixas precipitações que vêm ocorrendo nas últimas semanas, os produtores, quando possível, estão fazendo o uso da irrigação para amenizar a falta de chuvas. Porém, esta condição aumenta os custos de produção, o que não é desejável, principalmente por que os produtores saíram de uma safra em que os resultados econômicos não foram bons.

Segundo a Epagri/Ciram, neste período de início da segunda quinzena de agosto, permanecem as condições de estiagem nas regiões produtoras. Por outro lado, as previsões para os meses de agosto, setembro e outubro são de chuvas na média a acima da média. O volume acima da média é esperado com a chegada da primavera.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Plantio da Nova Safra Catarinense de Cebola em Fase Final

A nova safra de cebola aproxima-se do final do plantio. Na região do Alto Vale do Rio Itajaí, principal região produtora de Santa Catarina, onde é característica a implantação das lavouras pelo uso de mudas, estima-se que 98% da área destinada à cultura esteja plantada.

Na região de Joaçaba e Lebon Regis, onde há a presença de lavouras de áreas maiores, e predominância da semeadura direta, as lavouras estão praticamente com sua implantação finalizada. Nas propriedades de áreas menores, a implantação das lavouras é comumente realizada com uso de mudas previamente produzidas em canteiros nas propriedades produtoras e demandante mais intensa de mão-de-obra. Nestas, o plantio deve se estender até meados do mês de agosto, conforme levantamento de campo da Epagri/Cepa.

O resultado positivo da safra passada, especialmente em termos de preços na fase final da comercialização, estimulou os produtores a apostarem positivamente na próxima safra e com isso, estima-se que a área de plantio deva no mínimo permanecer igual a safra passada e até mesmo ter um pequeno acréscimo, que no Alto Vale do Rio Itajaí pode chegar a 5%, segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa.

De acordo com o levantamento da Epagri/Cepa, nas últimas semanas as regiões produtoras de Santa Catarina têm apresentado necessidade de irrigação das lavouras em função de baixas precipitações ocorridas nos últimos períodos.

Segundo a Epagri/Ciram, nesse período de início da segunda quinzena de agosto, permanecem as condições de estiagem nas regiões produtoras. Por outro lado, as previsões para os meses de agosto, setembro e outubro são de chuvas na média a acima, a expectativa de volume acima da média é esperado com a chegada da primavera.

A necessidade de irrigação acarreta em aumento de custos de produção o que não é uma situação desejável para uma cultura que apresentou perdas econômicas importantes aos produtores na safra de 2015/16 e apenas pequena recuperação na safra de 2016/17.

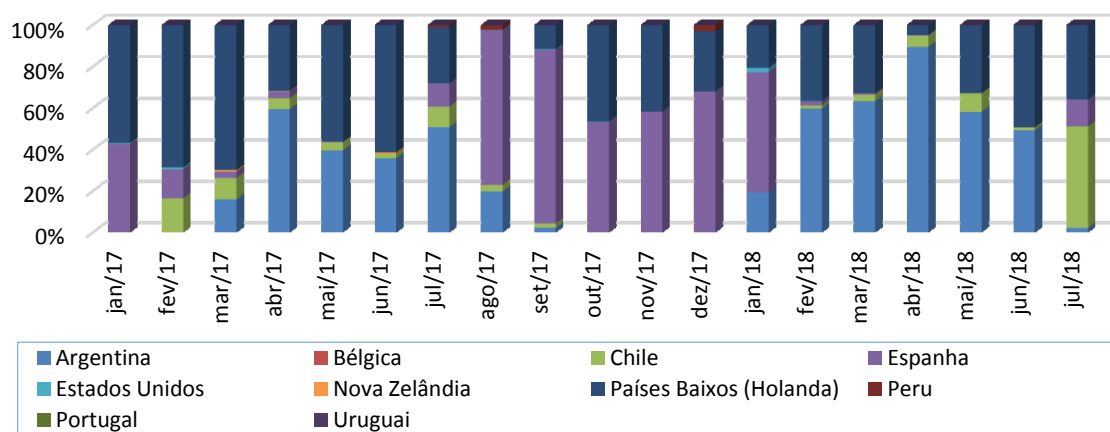
Em relação ao mercado brasileiro, no mês de julho, a oferta de cebola teve aumento abundante da hortaliça de produção nacional, tornando as importações pouco competitivas. Nesse período a hortaliça foi ofertada principalmente pelas regiões de Irecê, que embora em fase final de colheita, contribuiu para alcançar a oferta de regiões como Vale do São Francisco, Triângulo Mineiro e Cristalina (GO). Estas regiões por estarem no pico da colheita, elevaram a oferta de produção nacional

As principais regiões ofertantes de cebola no período analisado foram as regiões do Triângulo Mineiro e Goiana do produto por estarem no pico da colheita e com isso responsáveis pela alta oferta. A oferta abundante no período contribuiu para redução de preços pagos ao produtor. No caso de Irecê, o preço pago caiu de R\$ 0,72/kg para R\$ 0,56/kg, aproximadamente 30 % em relação primeira semana do mês 07. Já no final do mês de julho e primeira semana de agosto, a oferta de cebola no Nordeste continua normalmente para abastecimento regional, porém com a produção de Minas Gerais e Goiás em volumes significativos, os preços recuaram ao produtor, chegando a R\$ 0,50/kg no Vale do São Francisco.

A conjuntura atual no mercado da cebola mudou significativamente em relação aos meses de abril, maio (Recorde dos últimos 19 meses) e junho (figura 02), quando as importações atingiram volumes importantes em função da menor produtividade da região sul do país ocasionada pelas adversidades climáticas no período da safra.

Na Central de Abastecimento Ceasa/SC, unidade de São José – SC, o preço da cebola iniciou o mês de julho com preço médio no atacado de R\$ 1,58/kg, baixando para R\$ 1,50/kg no final da primeira quinzena e fechando o mês de julho com R\$ 1,30/kg. A redução de preço no atacado foi de 17,72%. Na mesma central, o produto importado deixou de ser ofertado a partir da segunda semana do mês em análise.

Na Ceagesp – principal central nacional de abastecimento, a cebola tinha fechado o mês de junho a R\$ 2,31/kg, significativa queda em relação ao mês de maio que atingira até R\$ 4,15/kg, como reflexo da greve dos caminhoneiros, finalizou o mês de julho com preço de R\$ 1,47/kg para o produto nacional.



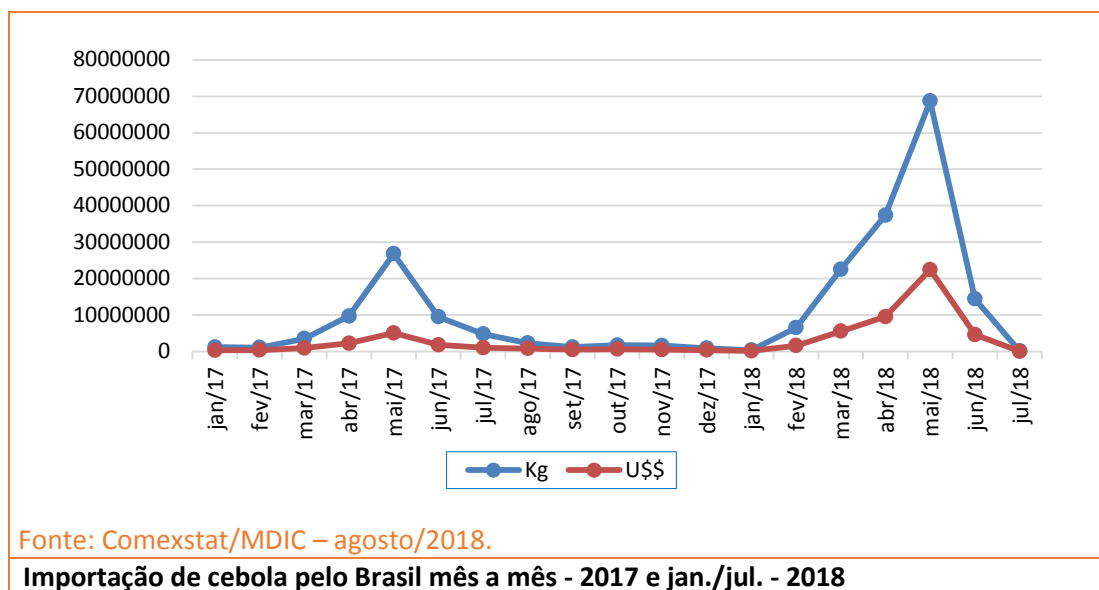
Fonte: Comexstat/MDIC – agosto/2018.

Participação (%) dos Países fornecedores de cebola ao Brasil – 2017 – jan./jul-2018

Quanto a importação de cebola para o Brasil, no mês de julho, a entrada foi comandada pelas cebolas Chilena, holandesa e espanhola que na soma total atingiram 97,85 % e em pequeníssima quantidade, a argentina com 2,15%, como pode ser visto na figura acima.

O volume importado no mês de julho é o menor desde janeiro de 2017. Nesse mês o total importado foi de apenas 162,44 toneladas, contra pouco mais de 14 mil toneladas registradas no mês junho e contrastando com o mês de maio cujo volume foi acima de 68,64 mil toneladas.

Em termos de valores, o dispêndio foi de apenas U\$ 107.309,00, preço FOB, para um volume de 162,44 toneladas. O custo médio foi de U\$ 0,66/kg, valor bem superior ao praticado no mês anterior que foi de U\$ 0,322/kg.



No mês de julho, como pode ser observado, o volume importado em relação ao mês de junho foi ainda menor. Contrasta com o que ocorreu no mês de maio, como já dito, sendo o mês de maior importação dos últimos 19 meses. (Figura acima).

Pecuária

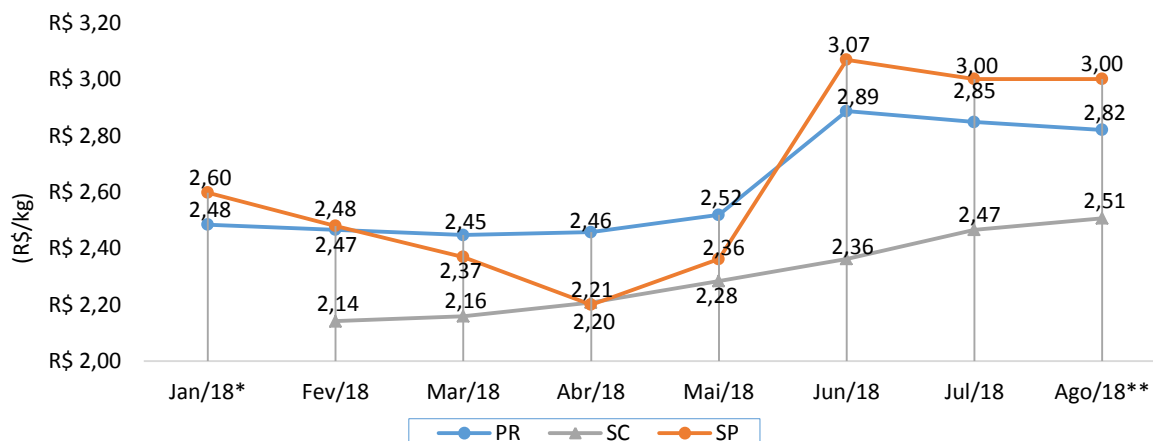
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Após mais de dois meses, a paralisação dos caminhoneiros e empresas de transporte, ocorrida nas duas últimas semanas de maio, ainda afeta o setor de produção de carnes, embora seus efeitos estejam sendo atenuados.

Os três estados cujo preço é analisado no Boletim Agropecuário registraram movimentos distintos nos preços preliminares de agosto em relação ao mês anterior, tendo em comum o fato de que, em todos eles, os preços encontrar-se em patamares significativamente acima daqueles registrados no período anterior à paralisação do setor de transportes. Santa Catarina segue com a tendência de crescimento que vem sendo observada desde setembro do ano passado. O valor preliminar de agosto é 1,66% superior à média de julho. Embora seja um percentual ainda significativo, está abaixo das variações observadas nos quatro meses anteriores. Já o Paraná, assim como já havia acontecido em julho, voltou a registrar variação negativa em agosto: -0,97%. Em São Paulo, por sua vez, não houve alteração em relação ao mês anterior.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em agosto de 2017, percebe-se que os resultados são fortemente positivos nos três estados analisados: variação de 12,89% no Paraná, 20,00% em São Paulo e 22,45% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,48%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

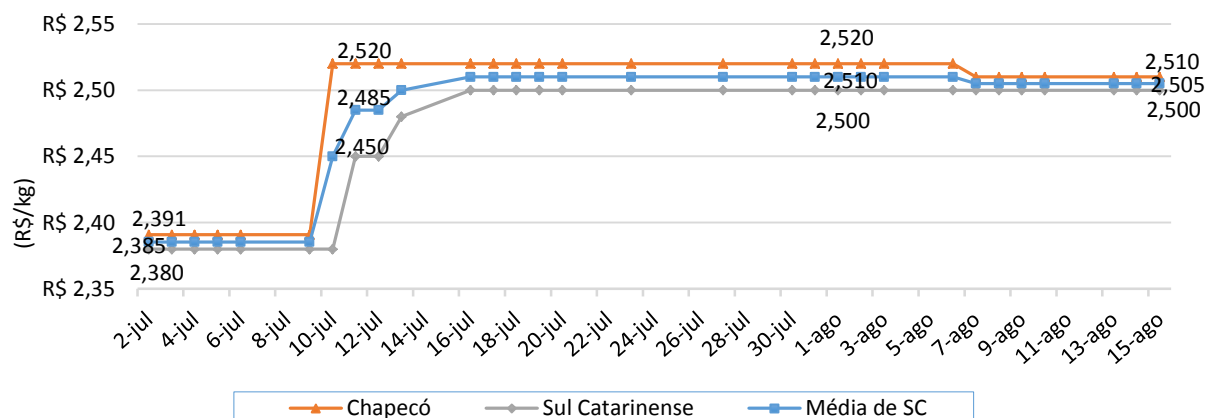
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2018

Diferentemente dos meses anteriores, que geralmente registravam altas no início de cada mês, na primeira quinzena de agosto os preços do frango vivo em Santa Catarina não registraram aumentos. Na praça de Chapecó, pelo contrário, houve uma pequena queda de 0,40% no início da segunda semana de agosto. No Sul Catarinense não ocorreu nenhuma variação no período em questão. Apesar disso, o preço médio preliminar de agosto é superior à média de julho nas duas praças: 1,26% em Chapecó e 2,06% no Sul Catarinense, enquanto a média estadual variou 1,66% nesse período.



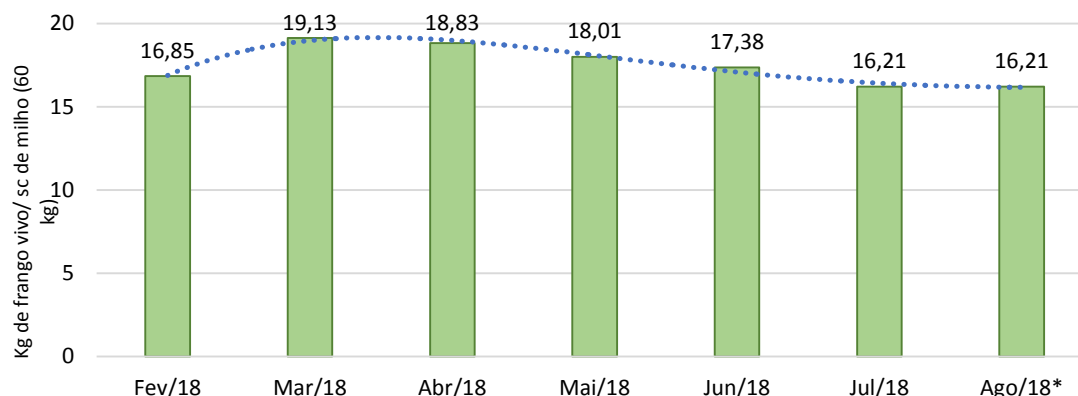
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual –2/jul. a 15/ago./2018

Em julho, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, caiu 2,60% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 14,88%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+13,52% no ano). Os pintos de um dia também contribuíram para esse aumento (+1,09% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPFrango foi de 22,17%.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, mantém-se estável em agosto (valor preliminar), na comparação com julho.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

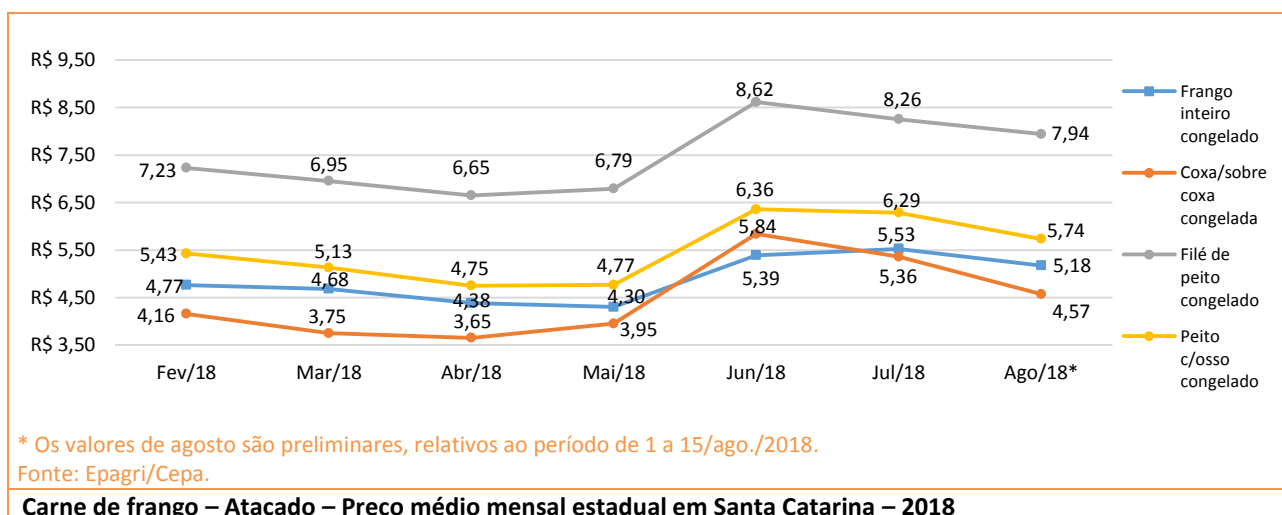
Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2018

Embora o preço do milho (saca de 60kg no atacado, na praça de Chapecó) tenha apresentado um leve aumento em agosto (1,24%), não houve impacto no indicador porque o preço do frango vivo também subiu, conforme já mencionado anteriormente. Não obstante o aumento, o preço atual do milho ainda está 47,11% acima daquele praticado em agosto de 2017. Por outro lado, o valor atual está 24,21% abaixo do registrado em agosto de 2016.

Segundo o 11º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, da Conab, a 1ª safra de milho deve ser de 26,83 milhões de toneladas, 11,93% menor que no ano anterior. Em relação à 2ª safra, observa-se nova alteração na projeção atual em relação àquela divulgada no mês anterior: em julho previa-se uma produção de 56,02 milhões de toneladas, montante que caiu para 55,35 milhões de toneladas em agosto, queda de 17,85% na comparação com a safra anterior. A safra total deverá ser de 82,18 milhões de toneladas, queda de 16,01% em relação ao ano anterior.

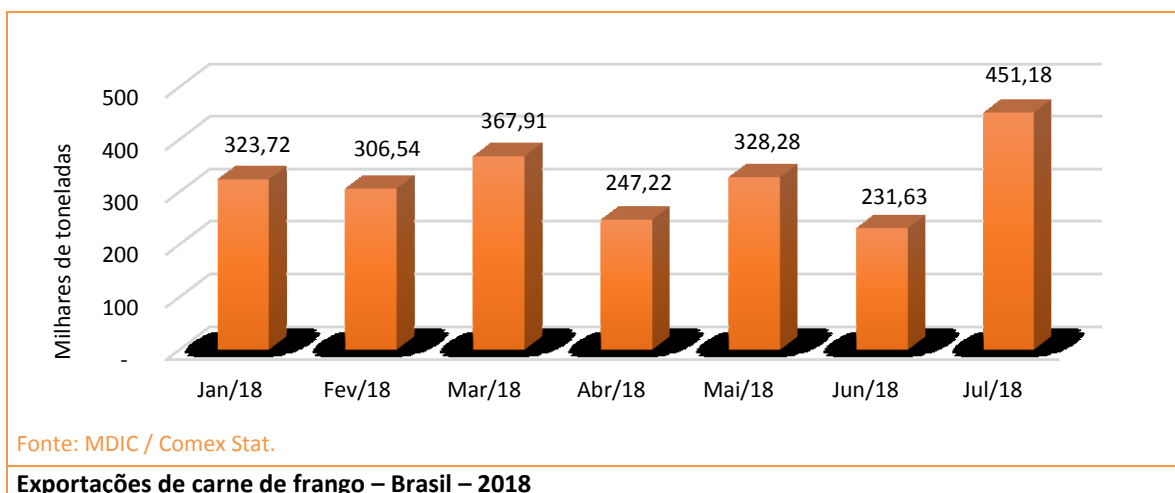
Segundo levantamento da Epagri/Cepa, na safra 2017/2018 Santa Catarina produziu 2,57 milhões de toneladas de milho (1ª e a 2ª safra), queda de 20,54% em relação ao ano agrícola anterior.

Em relação ao mercado atacadista, após a alta no mês de junho, em função do desabastecimento resultante da paralisação no transporte de cargas, em julho registrou-se queda em praticamente todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, com exceção do frango inteiro congelado, que subiu 2,50%. Em agosto, levando-se em consideração os preços preliminares da primeira quinzena, o movimento descendente se acentuou, com quedas significativas em todos os cortes: coxa/sobrecoxa congelada (-14,75%), peito com osso congelado (-8,79%), frango inteiro congelado (-6,33%) e filé de peito congelado (-3,80%). A queda média dos quatro cortes foi de 8,42%. O gráfico a seguir apresenta a evolução nos preços desde fevereiro.



Carne de frango – Atacado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2018

Depois de registrar em junho o pior resultado desde janeiro de 2007, em julho as exportações voltaram a crescer e, mais do que isso, atingiram o maior volume já embarcado num único mês. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o país exportou 451,18 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 94,79% em relação ao mês anterior e de 20,20% na comparação com julho de 2017.



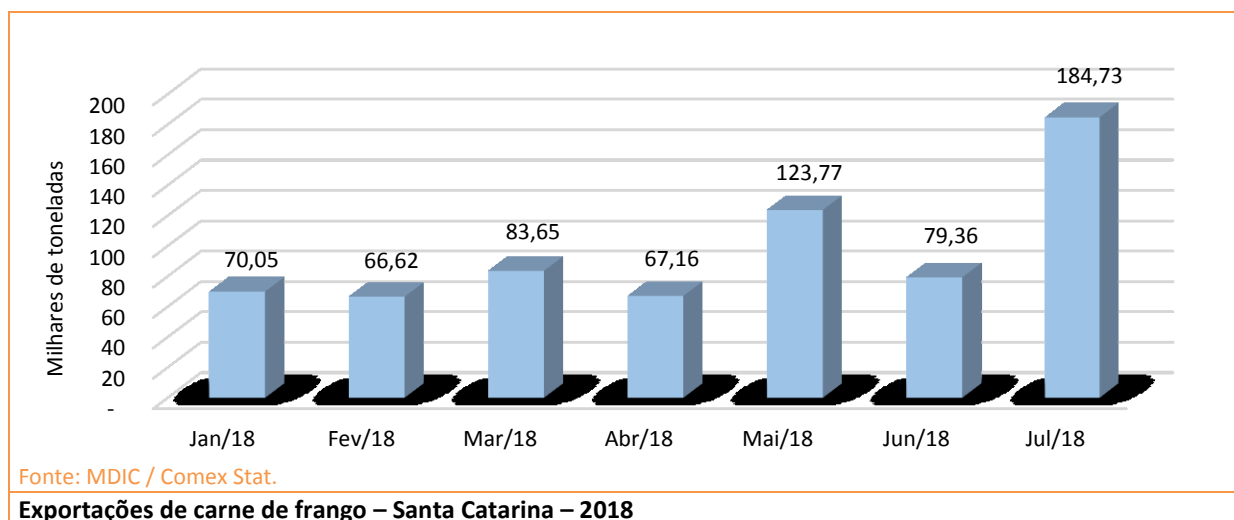
As receitas de junho também apresentaram desempenho favorável: US\$ 692,89 milhões, aumento de 93,31% em relação ao mês anterior e de 14,39% na comparação com julho de 2017. Esse é o melhor resultado para um único mês desde julho de 2015.

Os principais destinos das exportações de carne de frango brasileira em julho foram Japão, China, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Países Baixos, responsáveis por 45,82% das receitas do período.

As receitas acumuladas nos sete primeiros meses do ano somaram US\$ 3,55 bilhões, queda de 14,17% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 2,26 milhões de toneladas, queda de 8,05% em relação ao ano anterior. Apesar do extraordinário resultado de julho, as exportações do ano seguem com números negativos em função dos problemas observados ao longo do primeiro semestre, causados aqueda pelos embargos internacionais a algumas unidades de abate, reduções nas compras de importantes mercados e pela paralisação dos caminhoneiros no final de maio.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de agosto (8 dias úteis), demonstram quedas significativas na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a julho: -59,62% em valor e -60,02% em quantidade. Na comparação com agosto de 2017, os resultados também são negativos: -55,00% em valor e -52,10% em quantidade.

Assim como o restante do país, Santa Catarina também registrou aumento considerável nas exportações de carne de frango em julho, em índices ainda mais expressivos que os nacionais. Foram exportadas 184,73 mil toneladas, aumento de 132,77% em relação a junho e de 96,60% na comparação com julho de 2017. Essa é a maior quantidade exportada pelo estado desde julho de 2006.



Em termos de receitas, os resultados também foram bastante significativos: US\$ 287,65 milhões em julho, aumento de 126,79% em relação ao mês anterior e de 74,96% na comparação com julho de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 46,45% do valor das exportações do estado no mês de junho, conforme apresentado na tabela abaixo.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Julho/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	44.538.190,00	24.705
China	28.885.509,00	17.195
Emirados Árabes Unidos	25.302.250,00	16.402
Arábia Saudita	22.152.865,00	15.607
Países Baixos (Holanda)	12.732.553,00	5.095
Demais países	154.038.430,00	105.723
Total	287.649.797,00	184.727

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Dentre os cinco principais destinos da carne catarinense, somente os Países Baixos reduziram suas importações no mês passado, em relação a julho de 2017: -17,18% em valor e -27,55% em quantidade. Nos demais, observaram-se crescimentos bastante significativos, como é o caso dos Emirados Árabes Unidos (219,31% em valor e 329,52% em quantidade) e da China (115,44% em valor e 124,550% em quantidade).

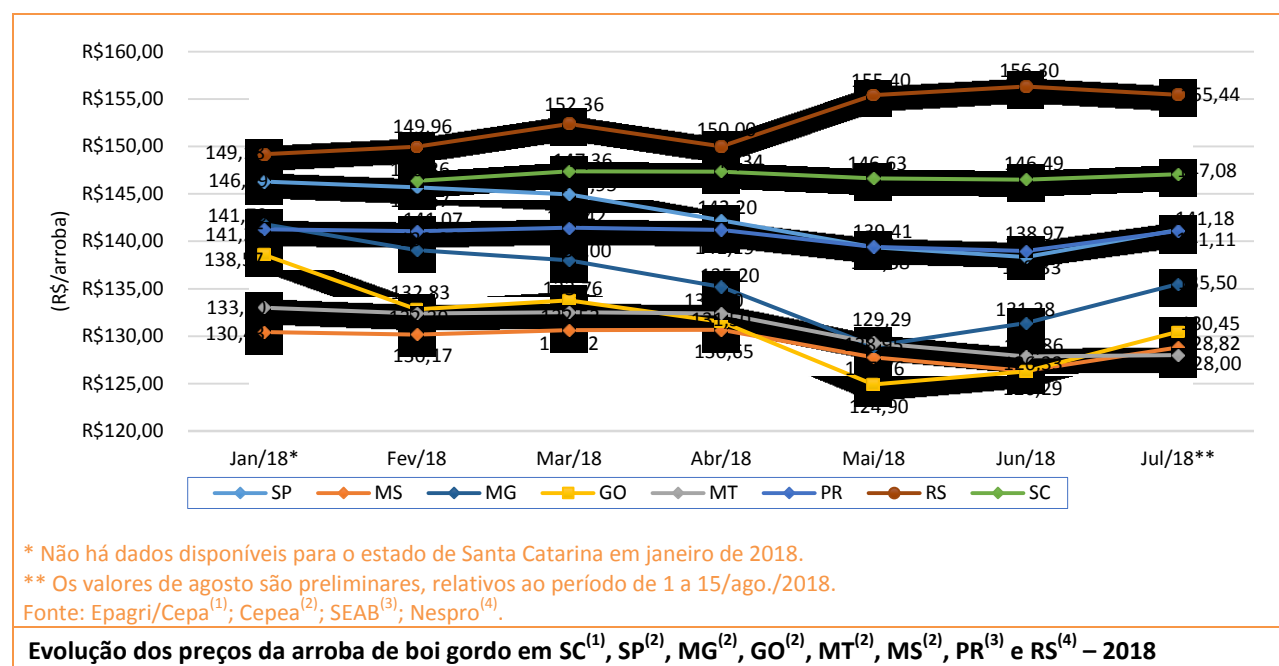
As receitas acumuladas de janeiro a julho com as exportações de carne de frango catarinense foram de US\$ 1,12 bilhão, aumento de 8,80% em relação ao mesmo período de 2017. Em relação à quantidade, foram exportadas 675,33 mil toneladas no período, crescimento de 21,49% na comparação com os primeiros sete meses do ano anterior.

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal, o recorde nas exportações observado em julho é resultante do restabelecimento dos níveis dos embarques nos portos após o fim dos bloqueios nas estradas, bem como da normalização do fluxo de dados no novo sistema de coleta de informações do MDIC.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Assim como ocorreu em julho, em agosto observam-se movimentos de alta nos preços do boi gordo na maioria dos estados analisados: Mato Grosso do Sul (2,89%), São Paulo (1,55%), Paraná (1,49%), Minas Gerais (1,44%), Goiás (1,18%) e Santa Catarina (0,43%). Em Mato Grosso o preço mantém-se inalterado em relação ao mês anterior e no Rio Grande do Sul registra-se o único caso de variação negativa nesta prévia de agosto (-1,81%).



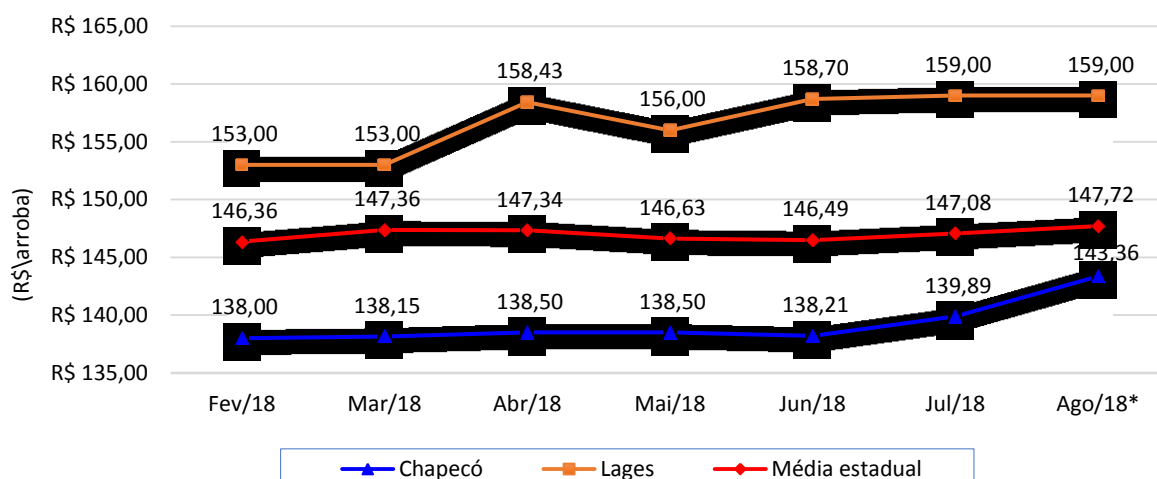
Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2017, observa-se que na maioria dos estados houve evolução no valor da arroba: Paraná (11,30%), Mato Grosso do Sul (10,78%), Minas Gerais (9,58%), Mato Grosso (9,24%), São Paulo (8,50%), Goiás (7,39%) e Rio Grande do Sul (6,43%). A única exceção é Santa Catarina, que registrou queda de 0,63% no período. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo IPCA/IBGE, foi de 4,48%.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência de Santa Catarina (Chapecó e Lages⁷) apresentam comportamento distinto em agosto. Em Chapecó, depois de um primeiro semestre de estabilidade, em julho registrou-se aumento nos valores médios pagos, o que se repete em agosto. O preço preliminar de agosto está 2,48% acima da média do mês anterior. Na comparação com agosto do ano passado, contudo, ainda se registra variação negativa 2,07%.

⁷ A partir da edição nº 61 do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na produção de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.

Em Lages deu-se o contrário: ocorreram diversas variações ao longo do primeiro semestre, sendo registrada estabilidade a partir de junho. O preço preliminar de agosto é o mesmo de julho, mas está 6,00% acima daquele praticado em agosto de 2017.

A média estadual, elaborada a partir dos preços de oito praças distintas, apresenta comportamento relativamente estável, embora com predomínio de movimento de alta nos últimos dois meses. Entre julho e agosto registra-se uma pequena variação de 0,43%, valor semelhante ao que foi observado no mês passado (0,40%). O preço atual está 0,063% menor que em agosto de 2017.

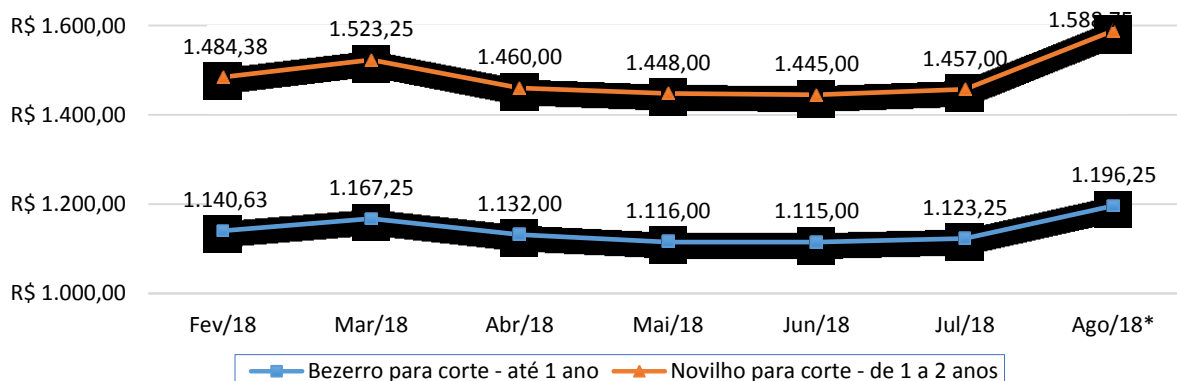


* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo nas praças de Chapecó e Lages – 2018

O mercado de animais de reposição novamente apresenta variações positivas para as duas categorias em agosto. Os bezerros de até 1 ano registram alta de 6,50% quando comparado com a média do mês anterior. Os novilhos de 1 a 2 anos apresentam alta ainda mais significativa: 9,04%.

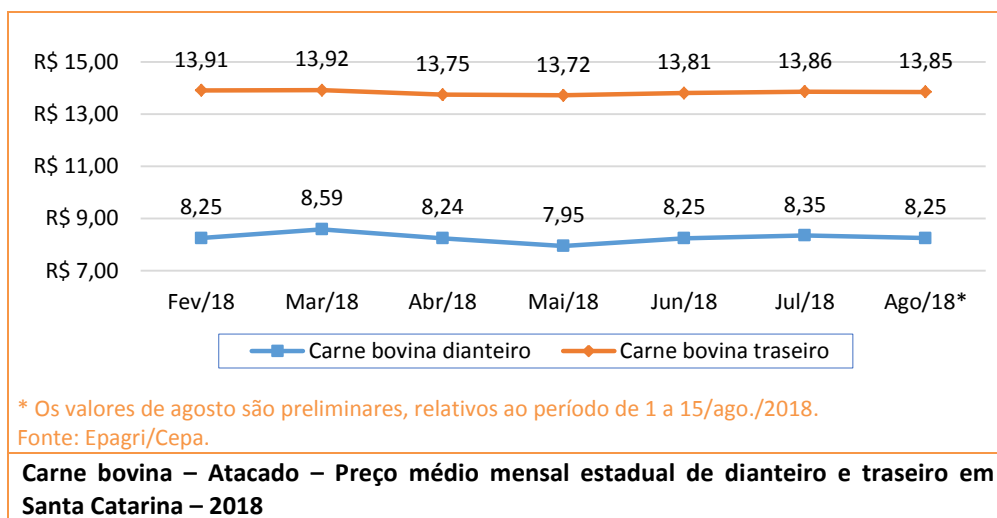


* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2018

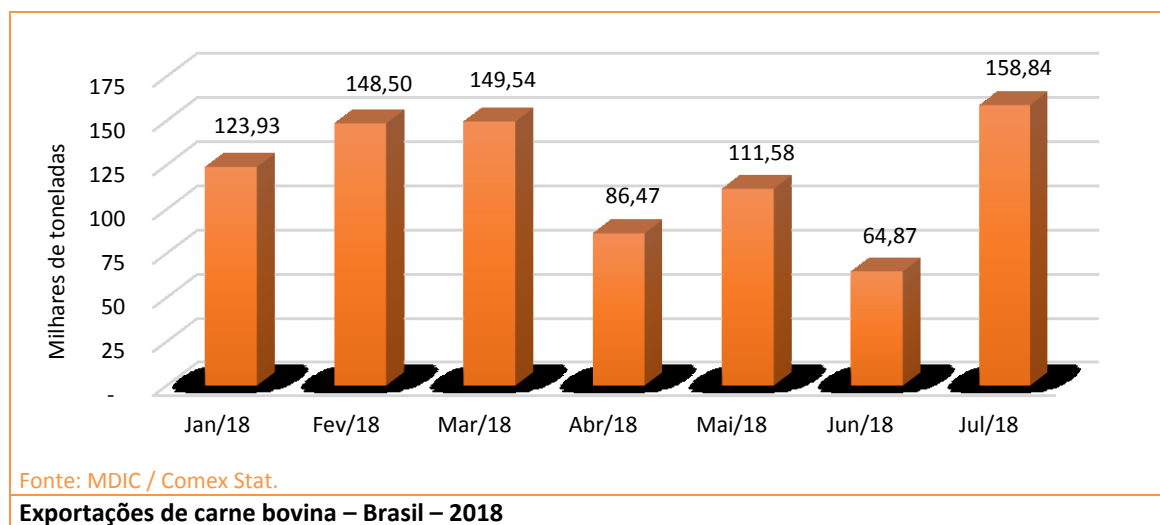
No mercado atacadista, após o predomínio de movimentos de alta em junho e julho, em agosto registram-se variações negativas nos três cortes analisados.



O preço médio preliminar da carne de traseiro apresenta queda de 0,09% em relação ao mês anterior. Na comparação com agosto de 2017, o preço atual é 2,66% superior. Já a carne de dianteiro registra queda de 1,26% em relação a julho, com defasagem de 3,02% na comparação com

agosto de 2017.

Após uma queda acentuada em junho, quando se registrou a menor quantidade exportada num único mês desde agosto de 2003, em julho as exportações de carne bovina voltaram a crescer significativamente. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), foram embarcadas 158,84 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), 144,85% mais do que em junho e 24,49% acima da quantidade exportada em julho de 2017. Esse é o maior montante mensal exportado pelo país desde maio de 2007.



As receitas de julho também apresentaram um salto: US\$ 840,43 milhões, aumento de 214,94% em relação ao mês anterior e de 57,59% na comparação com julho de 2017. Esse é o melhor resultado mensal já registrado.

Segundo nota divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), a forte alta nas exportações pode estar atrelada à greve dos caminhoneiros no final de maio, que impediu que muitos caminhões chegassem aos portos, atrasando o escoamento das cargas para os meses subsequentes. A instituição também aponta que, por outro lado, a demanda no mercado interno segue fraca, o que limita recomposições mais significativas nos preços de atacado e ao produtor.

No acumulado de janeiro a julho os resultados são positivos: foram exportadas 843,73 mil toneladas, 8,33% mais do que no mesmo período de 2017. As receitas somaram US\$ 3,51 bilhões, aumento de 11,09% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em julho responderam por 69,83% das receitas das exportações. Destaca-se a China, que, em relação a julho de 2017, ampliou as aquisições em 127,47% em termos de quantidade e 149,54% em termos de valor. Hong Kong, o principal destino da carne brasileira, também aumentou suas aquisições em relação ao mesmo mês do ano passado: 83,97% em valor e 20,76% em quantidade.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Julho/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	231.548.578,00	38.814
China	166.896.976,00	34.895
Alemanha	102.608.944,00	1.415
Egito	45.655.974,00	15.157
Irã	40.193.996,00	10.665
Demais países	253.526.948	57.894
Total	840.431.416,00	158.840

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de agosto (8 dias úteis), demonstram quedas significativas na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a julho: -60,47% em valor e -54,02% em quantidade. Na comparação com agosto de 2017, os resultados também são negativos: -49,34% em valor e -48,78% em quantidade.

No boletim anterior chamamos a atenção para o caso da Geórgia, que pela primeira vez aparecia no ranking dos cinco principais destinos da carne bovina brasileira (213 toneladas de carne bovina exportadas em junho, no valor total de US\$ 51,61 milhões), e apontamos para um provável erro nessa informação apresentada pelo Comex Stat. Em nova consulta feita ao sistema em agosto, obteve-se resultado distinto daquele, o que ratifica a hipótese aqui apresentada. As exportações para a Geórgia em junho na verdade foram de 186 toneladas, no valor de US\$ 309 mil, o que coloca o país em 46º lugar no ranking daquele mês.

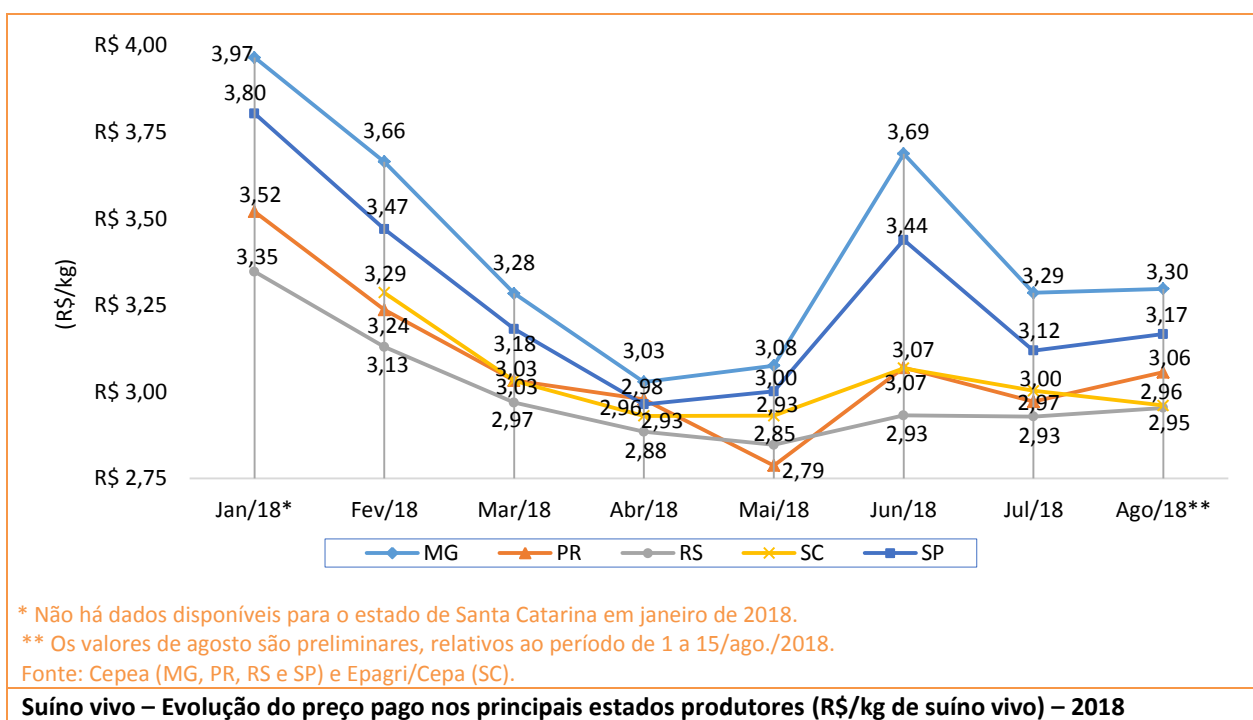
Santa Catarina novamente registrou crescimento nas exportações de carne bovina. Em julho, as exportações catarinenses foram de 354,06 toneladas, aumento de 25,58% em relação ao mês anterior e de 229,34% na comparação com julho de 2017. As receitas geradas foram de US\$ 1,10 milhão. No acumulado dos primeiros sete meses, Santa Catarina exportou 2,45 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 8,05 milhões, aumento de 187,86% em valor e 184,28% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

Suinocultura

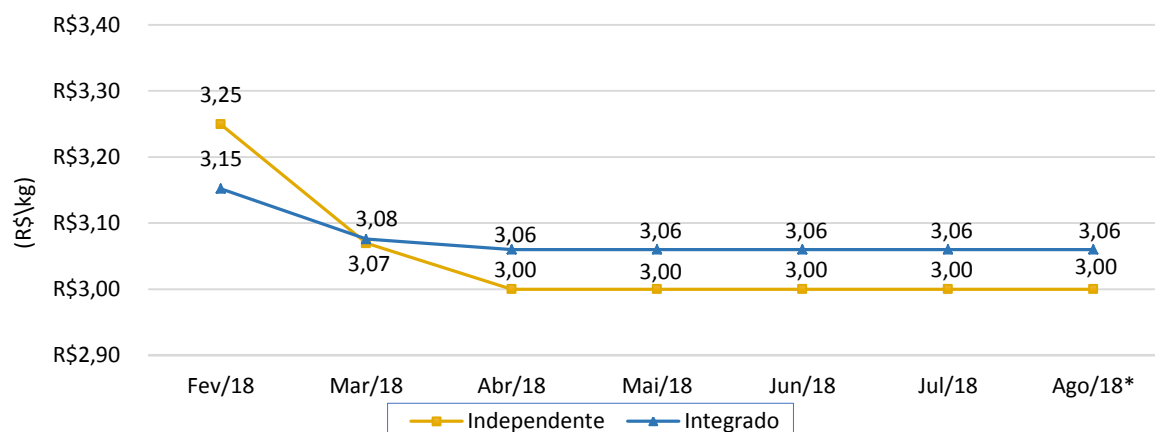
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após as drásticas oscilações nos preços do suíno vivo nos últimos meses, os preços preliminares de agosto indicam uma relativa estabilização e predominância dos movimentos de alta na maioria dos estados. Dos cinco estados analisados, quatro registram altas em agosto: Paraná (2,86%), São Paulo (1,52%), Rio Grande do Sul (0,85%) e Minas Gerais (0,35%). Somente Santa Catarina registra variação negativa nesta prévia, com queda de 1,42%. Contudo, quando se recorre à análise dos preços diários, percebe-se que, mesmo no caso catarinense, há sinais de recuperação a partir da segunda semana de agosto.

Por outro lado, quando se comparam os preços preliminares deste mês com aqueles praticados em agosto de 2017, as defasagens ainda são significativas: -25,72% em Minas Gerais, -23,56% em São Paulo, -17,95% no Paraná, -14,05% em Santa Catarina e -13,26% no Rio Grande do Sul. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,48%.



Diferentemente do preço médio estadual, os preços de agosto do suíno vivo em Chapecó, praça de referência para o produto, não sofreram alteração em relação ao mês anterior. Aliás, os preços encontram-se inalterados desde abril deste ano. Contudo, na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em agosto de 2017, observam-se defasagens de -10,58% para os produtores independentes e -7,13% para os integrados.

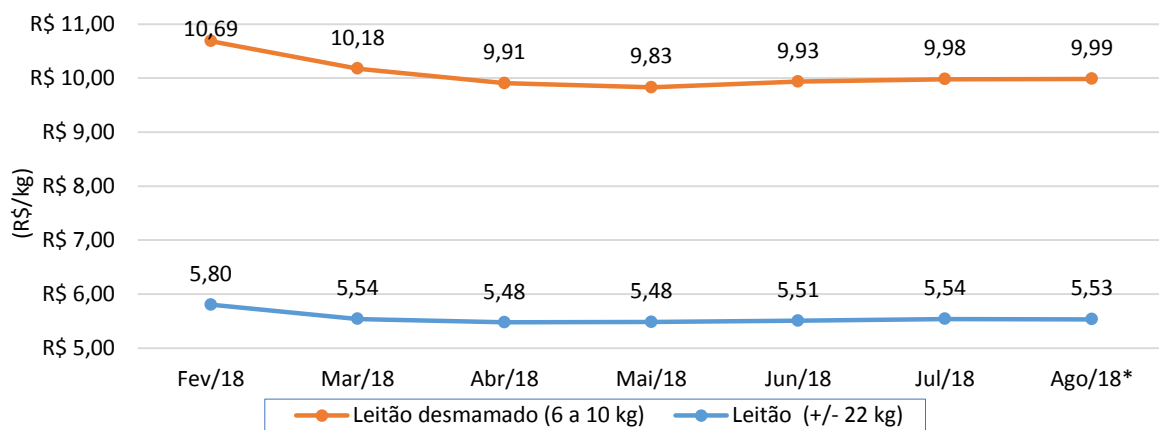


* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2018

Os preços dos leitões também se encontram estáveis desde o primeiro trimestre deste ano, com variações pouco relevantes. Em agosto, os leitões de 6 a 10kg variam 0,05% na comparação com julho, enquanto os leitões com +/-22kg oscilam -0,11%. Por outro lado, quando se toma por referência os valores de agosto de 2017, as diferenças são mais significativas: -9,57% para leitões de 6 a 10kg e -8,85% para leitões de +/-22kg.



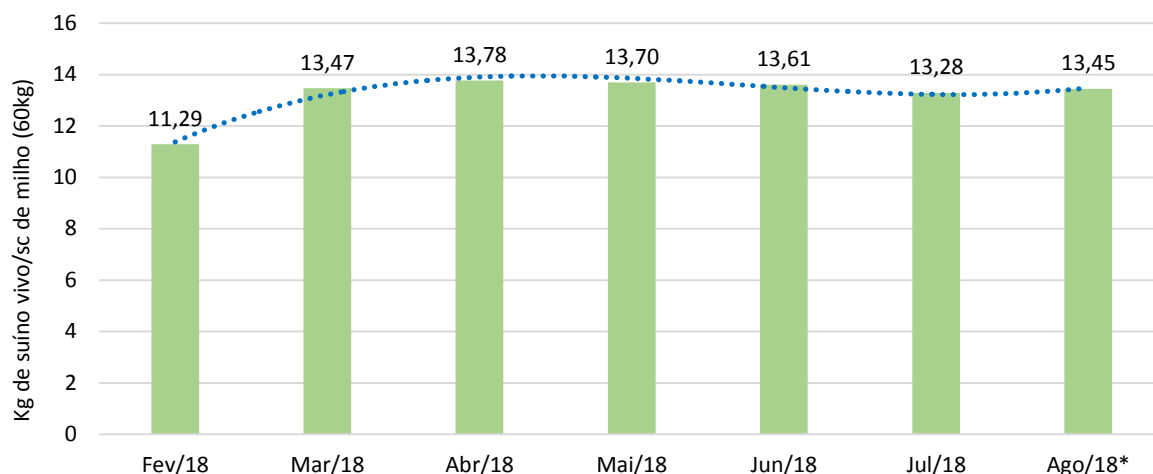
* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2018

Em julho, o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, caiu 1,70% em relação ao mês anterior. Apesar disso, no ano esse indicador acumula alta de 16,35%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+15,87% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPSuíno foi de 25,20%.

A relação de equivalência insumo/produto (índice calculado a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó) registra alta de 1,24% no valor preliminar de agosto, resultado decorrente exclusivamente do aumento no preço do milho (1,24%). Apesar dessa variação positiva, o valor atual é 61,43% menor que aquele registrado em agosto de 2017.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2018

Segundo o 11º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, da Conab, a 1ª safra de milho deve ser de 26,83 milhões de toneladas, 11,93% menor que no ano anterior. Em relação à 2ª safra, observa-se nova alteração na projeção atual em relação àquela divulgada no mês anterior: em julho previa-se uma produção de 56,02 milhões de toneladas, montante que caiu para 55,35 milhões de toneladas em agosto, queda de 17,85% na comparação com a safra anterior. A safra total deverá ser de 82,18 milhões de toneladas, queda de 16,01% em relação ao ano anterior.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, na safra 2017/2018 Santa Catarina produziu 2,57 milhões de toneladas de milho (1ª e a 2ª safra), queda de 20,54% em relação ao ano agrícola anterior.

Em relação ao mercado atacadista, após as altas significativas de junho e a relativa estabilidade de julho, os preços da carne suína voltaram a apresentar movimentos mais significativos de queda em agosto: carré (-5,55%), costela (-1,60%), carcaça (-1,55%), lombo (-1,55%) e pernil (-0,33%).

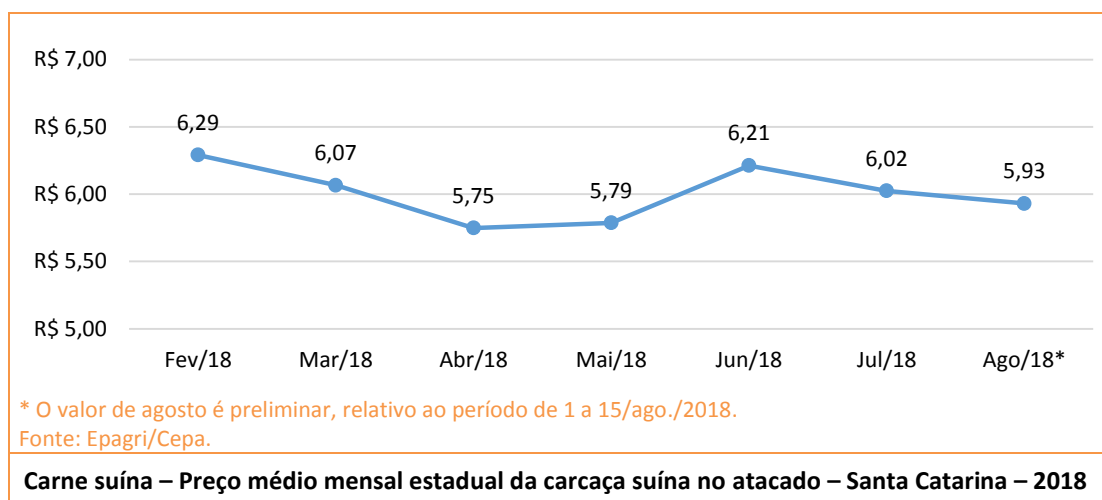
Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2018

Produto	Junho/18	Julho/18	Agosto/18*
Carré (sem couro)	8,22	8,22	7,76
Costela (sem couro)	11,92	11,83	11,64
Lombo	10,97	11,07	10,90
Carcaça	6,21	6,02	5,93
Pernil (com osso e couro)	7,01	6,89	6,87

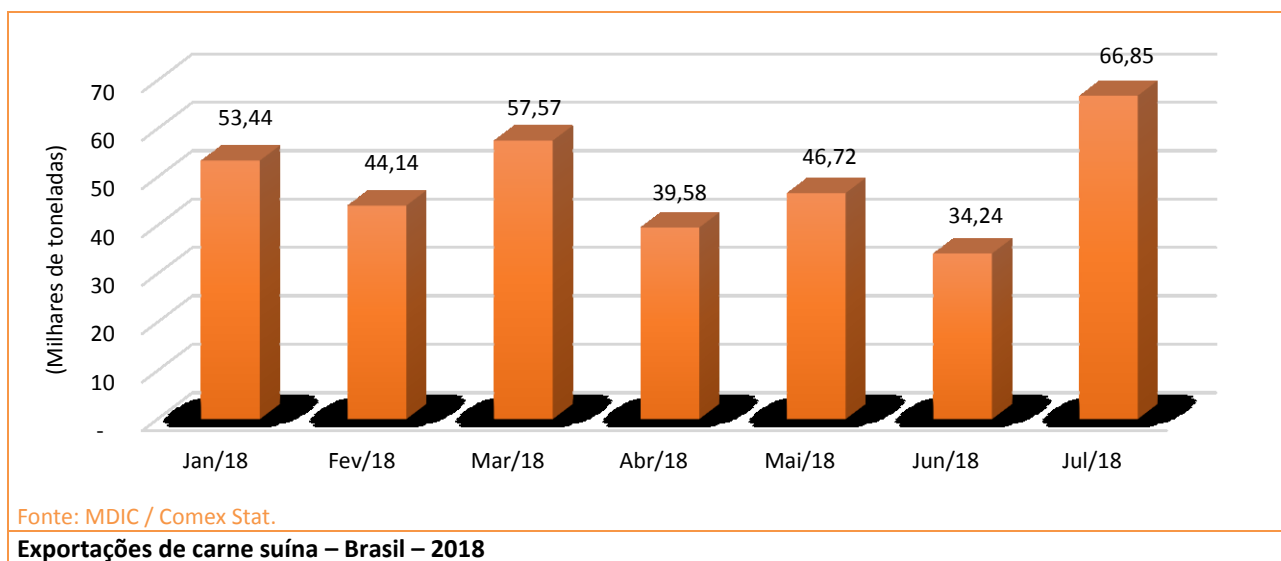
* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico seguinte apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína durante o ano de 2018.



Após os péssimos números de junho, em julho as exportações brasileiras de carne suína voltaram a registrar desempenho favorável. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 66,85 mil toneladas de carne (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de 95,27% em relação ao mês anterior e de 18,39% na comparação com julho de 2017. Esse é o melhor resultado dos últimos 12 meses.



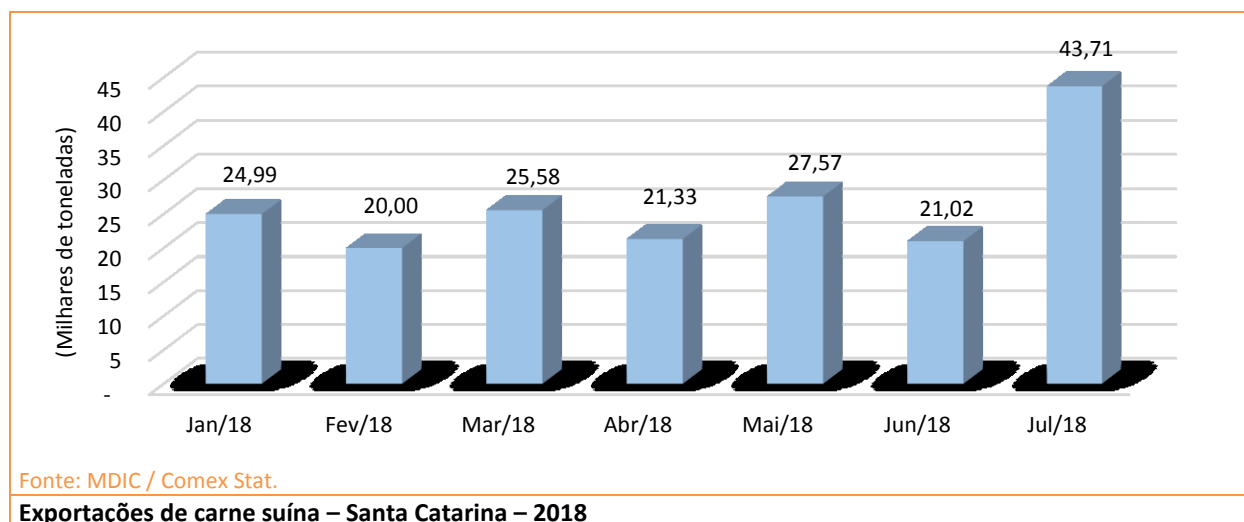
As receitas de julho foram de US\$ 117,87 milhões, aumento de 83,38% em relação ao mês anterior, mas queda de 12,56% na comparação com julho de 2017.

No acumulado de janeiro a julho, as receitas somaram US\$ 672,71 milhões, queda de 28,59% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada no período foi de 342,54 mil toneladas, queda de 12,87% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em julho foram Hong Kong, China, Cingapura, Uruguai e Chile, que juntos responderam por 72,97% das receitas com esse produto. Chama a atenção o vigoroso crescimento das exportações para a China, que em julho comprou 493,44% mais carne suína brasileira do que no mesmo período do ano passado. Ainda assim, as 17,69 mil toneladas embarcadas para a China no mês passado representam pouco mais de 3/4 do que foi exportado para a Rússia em julho do ano passado (22,39 mil toneladas).

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de agosto (8 dias úteis), demonstram quedas significativas na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a julho: -46,95% em valor e -46,61% em quantidade. Na comparação com agosto de 2017, os resultados também são negativos: -58,96% em valor e -45,93% em quantidade.

As exportações catarinenses também registraram bons resultados em julho. Segundo o MDIC, foram embarcadas 43,71 mil toneladas, aumento de 107,98% na comparação com junho e de 87,45% em relação a julho de 2017. Essa é a maior quantidade já exportada por Santa Catarina num único mês.



Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2018

As receitas, por sua vez, foram de US\$ 74,34 milhões em julho, o que representa incremento de 35,51% em relação ao mês anterior e de 94,55% na comparação com julho de 2017.

Santa Catarina foi responsável por 53,78% do total de carne suína exportada pelo Brasil no mês de julho, respondendo ainda por 52,45% das receitas.

No acumulado do ano, o estado exportou 184,21 mil toneladas de carne suína, o que representa um crescimento de 13,49% em relação aos sete meses iniciais do ano passado. As receitas desse período somaram US\$ 352,83 milhões, resultado que ainda está 8,44% abaixo daquele registrado no mesmo período de 2017.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em junho responderam por 73,66% das receitas e 76,57% da quantidade.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Julho de 2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	23.794.044,00	13.290
Hong Kong	16.944.925,00	10.710
Chile	5.438.401,00	2.761
Cingapura	4.908.482,00	2.431
Angola	3.671.598,00	4.281
Outros países	19.579.651,00	10.242
Total	74.337.101,00	43.715

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Todos os cinco principais destinos listados na tabela anterior registraram aumentos em julho na comparação com o mesmo mês de 2017, com destaque para a China (406,29% em valor e 432,65% em quantidade), Angola (303,78% em valor e 444,27% em quantidade) e Hong Kong (180,32% em valor e 221,13% em quantidade).

De acordo com nota da Associação Brasileira de Proteína Animal, os bons resultados de julho são resultantes do restabelecimento dos níveis dos embarques nos portos após o fim dos bloqueios nas estradas, bem como da normalização do fluxo de dados no novo sistema de coleta de informações do MDIC. Além disso, o acentuado crescimento das exportações para a China tem minimizado os impactos do embargo russo.

Por outro lado, o mercado interno não tem correspondido ao esperado. De acordo com a Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS), o aumento sazonal na demanda doméstica por carne suína durante o inverno não ocorreu na mesma intensidade que nos anos anteriores, principalmente em decorrência da crise econômica que continua afetando o país. Além disso, as agroindústrias estão com estoques elevados, o que significa que a oferta de carne suína no varejo deve permanecer alta, puxando os preços para baixo. As expectativas do setor residem principalmente no crescimento das exportações. Contudo, como vimos anteriormente, as médias diárias de agosto estão significativamente abaixo dos montantes registrados no mês anterior e em agosto de 2017.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A partir desse ano, o IBGE tem antecipado a divulgação de parte dos dados da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), divulgando a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no trimestre (sem a quantidade mensal) para o âmbito Brasil. Recentemente, divulgou o dado relativo ao segundo trimestre de 2018, no qual foram adquiridos 5,465 bilhões de litros pelas indústrias inspecionadas. Essa quantidade representa 3,2% de decréscimo em relação à quantidade do segundo trimestre de 2017 e 8,9% em relação à quantidade do primeiro trimestre de 2018.

É tradicional o decréscimo da produção do primeiro para o segundo trimestre, já que são os meses do segundo trimestre os de menor produção nacional. O que não se tinha como perspectiva é a menor quantidade do segundo trimestre de 2018, em relação ao mesmo período de 2017, já que no primeiro trimestre de 2018 houve crescimento de 2,4%.

Leite - Brasil - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2016-18					
Período	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	Var. %	
				16-17	17-18
Janeiro	2,072	2,101	2,155	1,4	2,6
Fevereiro	1,892	1,833	1,885	-3,1	2,8
Março	1,898	1,928	1,963	1,6	1,8
1º Trimestre	5,862	5,862	6,003	0,0	2,4
Abril	1,749	1,812		3,6	
Maió	1,742	1,907		9,5	
Junho	1,728	1,929		11,6	
2º Trimestre	5,219	5,648	5,465	8,2	-3,2
1º Semestre	11,081	11,510	11,468	3,9	-0,4
Julho	1,897	2,058		8,5	
Agosto	1,989	2,118		6,5	
Setembro	1,963	2,103		7,1	
Outubro	2,048	2,141		4,5	
Novembro	2,052	2,154		5,0	
Dezembro	2,140	2,250		5,1	
Total anual	23,170	24,334		5,0	

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Na divulgação da Pesquisa Trimestral com os dados mensais, provavelmente se verá que este decréscimo é explicado quase que exclusivamente pelo que se deu no mês de maio, quando a entrega de leite para as indústrias ficou comprometida por vários dias, pela paralisação dos caminhoneiros.

É isso que se deduz dos dados do Índice de Captação de Leite Cepea Brasil⁸, que confirma o decréscimo do primeiro para o segundo trimestre de 2018, mas mostra que, mesmo com o grande comprometimento na captação do mês de maio (único mês de 2018 com decréscimo em relação ao mesmo mês de 2017), houve

⁸ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra. A pesquisa abrange os estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação. Esses estados representam cerca de 85% da produção leiteira nacional.

aumento da captação de leite pelas indústrias no segundo trimestre e primeiro semestre de 2018, em relação aos mesmos períodos de 2017.

Isso é reforçado por indústrias com atividade em Santa Catarina, que atuam e/ou têm informações de importantes estados produtores de leite do Brasil, que informam que na maioria dos meses de 2018 a produção tem sido superior à do mesmo mês de 2017, sem, no entanto, alcançar os percentuais de crescimento indicados pelo ICAP-L/Cepea. Considerando isso como certo e o comprometimento de oferta do mês de maio, parece mais correto considerar que no primeiro semestre teria havido apenas um discreto aumento da oferta nacional de leite. Certamente abaixo dos 5,9% indicados pelo ICAP-L/Cepea.

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea) – Brasil – 2016-18					
Período	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	Var. %	
				16-17	17-18
Janeiro	185,67	181,58	202,22	-2,2	11,4
Fevereiro	177,17	176,00	199,75	-0,7	13,5
Março	164,15	170,66	185,33	4,0	8,6
1º Trimestre	526,99	528,24	587,30	0,2	11,2
Abril	158,59	168,79	182,62	6,4	8,2
Maio	156,01	170,07	156,38	9,0	-8,0
Junho	158,23	181,65	183,86	14,8	1,2
2º Trimestre	472,83	520,51	522,86	10,1	0,5
1º Semestre	999,82	1.048,75	1.110,16	4,9	5,9
Julho	166,19	189,67		14,1	
Agosto	176,49	199,01		12,8	
Setembro	187,50	207,18		10,5	
Outubro	187,65	203,53		8,5	
Novembro	188,73	206,23		9,3	
Dezembro	188,54	206,71		9,6	
Total anual	2.094,92	2.261,08		7,9	

⁽¹⁾ Em alguns meses o índice foi calculado pela Epagri/Ceapa com base na var.% mensal apresentada pelo Cepea.

Fonte: Cepea (Base 100 = junho/2004).

Seja como for, o fato é que a demanda de lácteos continua sofrível. Por isso, é que se considera que as elevações de preços de junho/julho se deram mais por circunstâncias decorrentes da paralisação dos caminhoneiros (cessou-se temporariamente o funcionamento normal da cadeia produtiva, as indústrias conseguiram melhores margens nas negociações com o varejo, os compradores precisaram recompor estoques, etc.), do que pelo período de entressafra da produção leiteira nacional. Em situação normal, os preços dos lácteos e aos produtores aumentariam de maneira bem mais discreta. O que significa que, passados os efeitos da paralisação, a tendência seria de os preços caírem rapidamente.

Isso ficou evidenciado nas recentes reuniões dos Conleites do Paraná e de Santa Catarina. Na reunião do Conleite/PR, ocorrida no dia 14/08, o valor de referência para o leite padrão de julho (R\$1,3144/litro) ficou abaixo do projetado na reunião anterior (R\$1,3436/litro), e apresentou expressiva queda para agosto (leite a ser pago em setembro), sendo projetado em R\$ 1,2334/litro. Na reunião do Conleite/SC, ocorrida no dia 16/08, embora o valor de referência de julho tenha ficado próximo do projetado na reunião anterior (R\$1,4172/litro), também houve queda expressiva no valor de referência projetado para agosto (leite a ser pago em setembro).

Destaca-se que em várias regiões produtoras do Brasil as chuvas estão abaixo dos níveis normais, com a produção leiteira não alcançando os níveis esperados. A eventual melhora dessas condições tende a favorecer a ampliação da produção, pressionando ainda mais negativamente os preços internos.

Leite padrão - Preços de referência do Conceleite de Santa Catarina - 2015-18						
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Var. %	
	2015	2016	2017	2018	2017/16	2018/17
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	13,0	-10,1
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	9,3	-8,7
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	7,1	-4,9
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1295	4,7	-3,4
Maio	0,8875	1,1430	1,1733	1,1522	2,7	-1,8
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	1,3454	-14,7	18,1
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	1,4050	-31,5	32,3
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	1,3190	-23,1	29,5
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374		-15,2	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550		-8,7	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977		-0,2	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788		-5,3	
Média	0,8866	1,1408	1,0634		-6,8	

Agosto/2018: Valor projetado.

Fonte: Conceleite/SC.